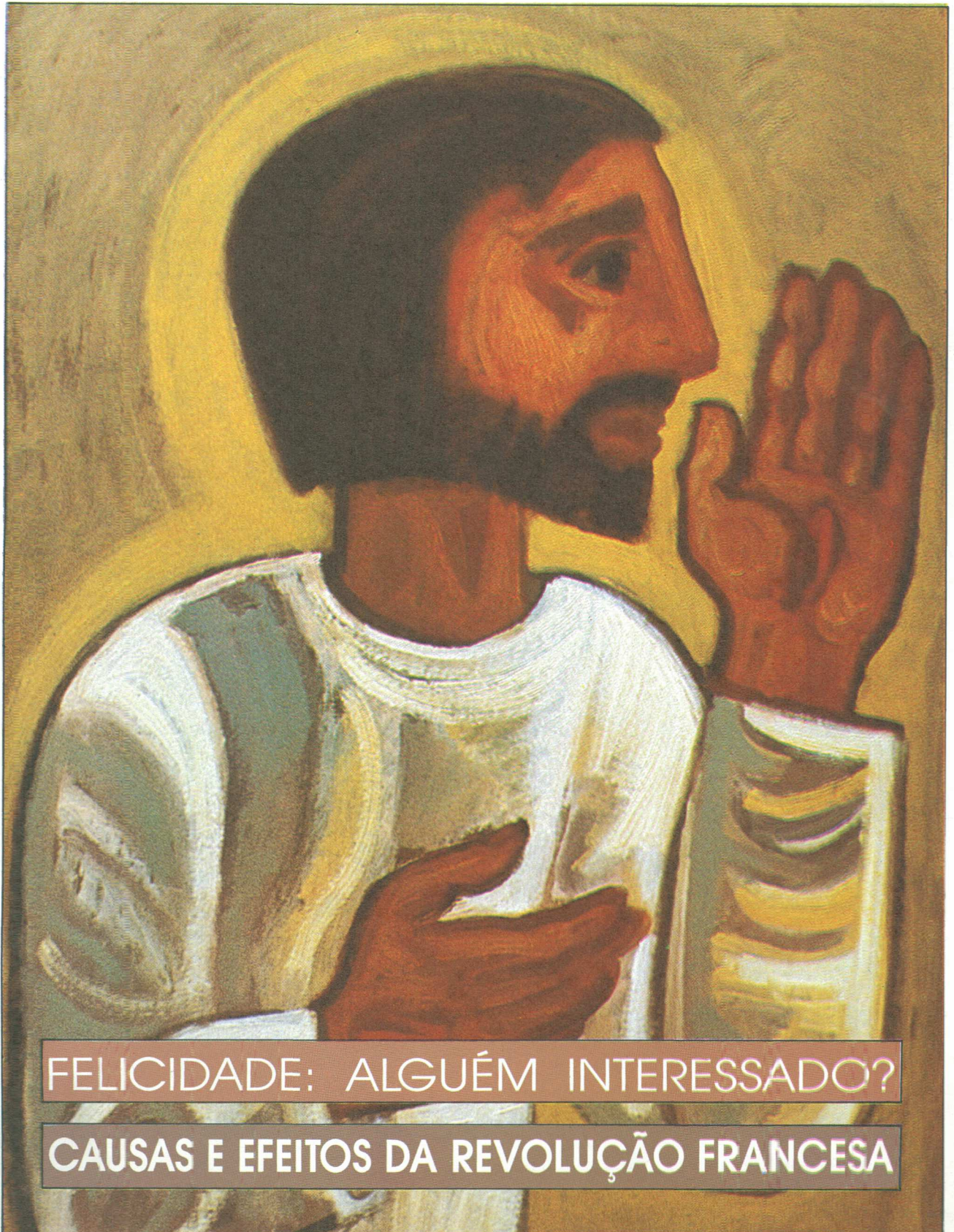


AM

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XXI
Nº 8 - AGOSTO 1989 - NCz\$ 1,50



FELICIDADE: ALGUÉM INTERESSADO?

CAUSAS E EFEITOS DA REVOLUÇÃO FRANCESA



BEM-AVENTURANÇAS DO POVO CRISTÃO

1. Feliz aquele que ama a Deus e vive na fé, voltado para ele.

— Quem acredita, reza e tem tempo para participar das celebrações da comunidade.

2. Feliz aquele que reconhece a Deus como Pai que olha com zelo seus filhos.

— Não faça dele um negociante, só se lembrando dele para pedir favores a troco de promessas.

3. Feliz aquele que descobriu que o verdadeiro Deus caminha com o povo e quer a sua libertação.

— Não diga que é vontade de Deus a exploração, a miséria, a injustiça, a existência de ricos e pobres.

4. Feliz aquele que entende que seguir Jesus é viver em comunidade, sempre unido ao Pai e aos irmãos.

— Não se engane: quem se afasta da comunidade, para procurar vantagens pessoais, se afasta de Deus; quem persegue a comunidade, persegue a Deus.

5. Feliz aquele que respeita e trata a todos iguais, como irmãos de verdade.

— Não é cristão verdadeiro quem despreza o índio, o negro, o peão, o velho, a prostituta, o pobre.

6. Feliz aquele que confia nos companheiros.
 “O mundo será melhor quando o menor que padece acredita no menor.”

— Não confie nas promessas dos grandes. Não se apóie em pau que dá muita sombra. Não dá certo sociedade de patrão com trabalhador.

7. Feliz aquele que acredita que a vida e o nome dos companheiros valem mais do que qualquer ouro do mundo.

— Não é cristão quem usa de vingança, quem não sabe perdoar, quem levanta falso testemunho, quem trai os companheiros.

8. Feliz aquele que ama e respeita sua família — o marido, a mulher, os filhos, os pais.

— Não estrague sua vida e sua família com tiranias, com o jogo, em bebedeiras, no cabaré.

9. Feliz aquele que sabe que sua dignidade pessoal é sagrada.

— Não venda sua consciência, sua liberdade, seu voto por cinheiro, emprego, vantagens.

10. Feliz aquele que entende que a verdadeira religião é amar a Deus como Pai e ao próximo como irmão:

— trabalhando pelo Reino de Deus;
 — estando sempre ao lado dos mais fracos;
 — nunca esmorecendo, mesmo nas perseguições e dificuldades;
 — lutando pela libertação, nas organizações populares, na comunidade, no sindicato, na política.

- 2 • **BEM-AVENTURANÇAS DO POVO CRISTÃO**
Feliz aquele que entende e vive a religião
- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Notícias
- 7 • **A PALAVRA DO PAPA**
Estímulo ao desenvolvimento de todos os povos
- 8 • **UM NOVO SIM À VIDA**
Igreja defende direito de viver
- 9 • **MENSAGEM MARIANA**
Maria sempre presente na Igreja
- 11 • **FELICIDADE: ALGUÉM INTERESSADO?**
Jesus, um homem de oração, era uma pessoa feliz
- 14 • **CAUSAS E EFEITOS DA REVOLUÇÃO FRANCESA**
Processo de crise econômica exige reformas
- 22 • **MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NA PERSPECTIVA DE UMA VISÃO PESSOAL MAIS ADULTA**
Uma visão mais adulta dos meios de comunicação
- 24 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Por que comigo?
- 26 • **PÁGINA DO CATEQUISTA**
A catequese de Santo Tomás
- 27 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
(3, 10, 17 e 29 de setembro)
- 30 • **RECADO DO CORTÊS**
- 31 • **ALCOOLISMO**
O caso do marido imaginário
- 32 • **MEDITAÇÃO**

ORAÇÃO, COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

O homem moderno sabe que sozinho não pode fazer nada ou, se pode, é muito pouco. Na sociedade, na cultura e na economia ele sabe que precisa da ajuda dos outros. E, impelido por essa necessidade, empenha-se numa comunhão e numa comunicação mais abertas.

Mas há muitas coisas que o lado humano e material não pode nos oferecer. Só Deus. E com ele a comunhão e a comunicação podem ser entendidas como oração. Esta pode ser verbal, mental ou vivencial, desde que seja gerada no coração e na fé.

A maioria dos cristãos católicos não reza, não tem tempo para a oração. E quando rezam, muitos o fazem como medida de emergência, na base da oração tipo salva-vidas. Mas a oração não é algo que está à nossa disposição no momento em que precisamos; ela é antes um pedido a Deus para que nos ajude a aceitarmos a sua vontade. É a manutenção do diálogo numa intensidade tal que a nossa vida fique em sintonia com a vontade de Deus.

Contudo, o motivo de não se rezar mais freqüentemente é a falta de tempo. O ritmo atual da vida é tão rápido e nos mantém tão ocupados que é difícil dispormos de tempo. Porém, entendida a oração como meio para aceitarmos a vontade de Deus, mais precisaremos rezar se tivermos muitas ocupações.

Esse tema da oração é abordado com muita propriedade e simplicidade pelo padre Henry Fehren, no artigo "Felicidade: Alguém Interessado?". Leia também "Meditação", "Bem-aventuranças do Povo Cristão" e "Página Mariana".

A comunicação com Deus aperfeiçoa nossa comunicação com o próximo, tornando-nos mais adultos e responsáveis. Sobre isso leia: "Meios de Comunicação de Massa na Perspectiva de uma Visão Pessoal mais Adulta".

A responsabilidade, como característica de maturidade, se manifesta em todas as instâncias. Veja como a Igreja pensa e se pronuncia no tocante ao tema do aborto em: "Um novo sim à vida".

Os acontecimentos de hoje, pacíficos ou violentos, democráticos ou ditatoriais são conseqüências da trama histórica articulada por pessoas de carne e osso como qualquer mortal. A história do passado ensina a ler o presente e a ler a tendência dos rumos futuros. Por que lutar pela democracia e por eleições conscientes? Um pouco do passado desses valores está em: "Causas e efeitos da Revolução Francesa".

O homem não foi criado por Deus para viver só. A realização, a alegria, a felicidade de viver está em sentir-se povo participante da sociedade e agente da sua própria história. E se essa tarefa apresentar-se árdua, o salmo 54, v. 23 ajuda: "Põe nas mãos do Senhor os teus cuidados. Ele será o teu sustentáculo e não permitirá jamais que vacile o justo".

P.C.G.

Violência rural e urbana

A Comissão Internacional de Juristas reuniu-se na sede da Conferência dos Bispos, em Brasília, em 14 de junho, com dom Luciano Mendes de Almeida e a Comissão de Justiça e Paz do Distrito Federal, para conhecer a situação da violência rural e urbana no país. A Comissão que veio ao Brasil é composta por Dr. Enrique Bacigalupo, ministro da Corte Suprema da Espanha; Dr. Oleguer Torrá Miró, da Espanha, membro do Movimento Internacional de Juristas Católicos; Dr. Beinluz Smukler, da Argentina, presidente da Associação Americana de Juristas.

Visitaram, de 1.º a 14 de junho de 1989, Belém no Pará, Recife (Pernambuco), João Pessoa (Paraíba), São Paulo e Brasília, para ver de perto o desrespeito aos direitos humanos, a impunidade e a falta de agilidade na justiça, especialmente com relação aos assassinatos de advogados e líderes de

movimentos populares.

Deverão relatar o que viram no país, com assessoria do INESC (Instituto de Estudos Sócio-econômicos) de Brasília e da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, para a Comissão Internacional de Juristas, com sede em Genebra (Suíça), órgão consultivo da ONU (Organização das Nações Unidas).

Desejaram visitar a CNBB em Brasília, porque reconhecem que foi muito positiva a ação e os documentos da Conferência em defesa dos direitos humanos e na promoção da participação popular. Perguntaram ao presidente da CNBB sobre o *relacionamento da Igreja com o Estado no Brasil* e dom Luciano Mendes respondeu, analisando diversas fases: 1) fase da defesa dos direitos humanos, com denúncia e rejeição da tortura, durante o regime autoritário; 2) fase de formação da consciência política (1979/80), contribuindo com indicações para a ordem econômica, a questão da terra, do solo urbano, dos direitos dos trabalhadores; 3) fase de contribuição com princípios para a base do regime democrático, com mobilização popular no período de eleições e, recentemente, com esforço para participação da sociedade na elaboração da Constituição, que perdura agora nas Constituintes Estaduais, Leis Complementares e Leis Orgânicas dos Municípios; 4) fase de reflexão sobre exigências éticas do processo democrático (1989), insistindo no valor da solidariedade, do serviço e da participação. Os juristas levaram os últimos documentos da CNBB.

Ação pela Cidadania prepara relatório Yanomami

Roraima (AGEN-CIMI) — Uma comissão organizada pela "Ação pela Cidadania" embarcou no dia 9 de junho para Roraima, partindo de Brasília, com o objetivo de verificar *in loco* a situação dos índios Yanomamis, Makuxis e Wapixanas. Integraram a comissão representantes do Congresso Nacional (senador Severo Gomes, PMDB-SP; deputado Alcei Guerra, PFL-PR; e deputado Plínio Sampaio, PT-SP, entre outros), da Procuradoria Geral da República, Ministério da Justiça, Polícia Federal e entidades como a CNBB, OAB, CIMI, ABA (Associação Brasileira de Antropologia), CCPY (Comissão pela Criação do Parque Yanomami) e CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), num total de 25 pessoas. A partir de Manaus (AM), a viagem foi feita em um avião Búfalo da Força Aérea Brasileira.

Ainda no dia 9, à noite, os membros da "Ação pela Cidadania" se encontraram com o bispo de Roraima, dom Aldo Mongiano. No dia 10 visitaram o território Yanomami. Dia 11, a Comissão foi à missão Surumu, no interior do Estado, onde se encontrou com lideranças Makuxis e Wapixanas. No dia 12, retornou à área Yanomami e à noite regressou a Brasília.

Conforme informação do secretário executivo do CIMI, Antônio Brand, a redação preliminar do relatório, resultado da viagem, está a cargo do deputado

Plínio Sampaio e do assessor do senador Severo Gomes, Dalambert. No dia 27 de junho estará pronta a redação final, com as propostas de encaminhamento especificadas. Nesse mesmo dia, uma comissão estará reunida para definir como as propostas serão viabilizadas.

A "Ação pela Cidadania" foi criada em 23 de fevereiro deste ano e tem como objetivo coordenar os esforços das entidades que a compõem em favor da defesa dos direitos humanos. Com essa visita, a Ação pretende propor medidas que possam pôr fim ao genocídio que vem sendo praticado contra os Yanomamis. Além de invadido por 50 mil garimpeiros, o território Yanomami foi dividido em 19 áreas descontínuas por determinação da SADEN (Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional).

Bispos catarinenses pedem fim da violência no campo

Quatro bispos catarinenses, dia 9 de junho de 1989, em Florianópolis, pediram o fim da violência no campo ao governador em exercício, Casildo Maldaner. O presidente da Regional Sul-4, dom Oneres

AVISO AOS ASSINANTES

Em breve os nossos representantes GERALDO VAZ JÚNIOR e JOSÉ LÁZARO DA FONSECA estarão visitando a cidade mineira de PARÁ DE MINAS.

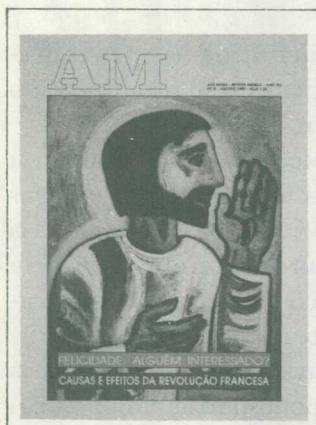


FOTO DA CAPA:

Pintura de Cerezo Barreto, cmf

Marchiori, juntamente com os bispos de Chapecó, dom José Gomes, de Caçador, dom Luís Calussi e de Florianópolis, dom Afonso Niehnes, acompanhados por coordenadores nacionais e estaduais do Movimento dos Sem-Terra, foram ao governador de Santa Catarina para expor a situação violenta em que se encontram 500 famílias acampadas no Estado (200 em Caçador, 250 em Abelardo Luz e 50 em Campo Erê), vítimas de violência da polícia e de grupos de direita. Os bispos pediram ainda o assentamento dessas famílias em outras áreas; maior segurança para as lideranças dos sem-terra; garantia da continuidade das investigações sobre a morte do trabalhador rural de Caçador, ocorrida em 13 de novembro último, além de informar ao governador sobre as ameaças de morte que vem recebendo o bispo de Chapecó, dom José Gomes. O governador em exercício mostrou interesse pelos problemas e prometeu empenho nas suas soluções.

Bispo de São Mateus sofre ameaças de morte

São Mateus e Pedro Canário, ES (AGEN) — O bispo de São Mateus, dom Aldo Gerna, e membros da CPT estadual estão sendo ameaçados de morte por fazendeiros ligados à UDR. A denúncia é do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), após os conflitos do início do mês, envolvendo trabalhadores que ocuparam a Fazenda Ipu-

eira. Na ocasião, morreram o proprietário da fazenda, José Machado Neto, 56 anos, e o soldado PM Sérgio Narciso da Silva, assassinados por José Bezerra, o "Zé Paraíba".

Dom Aldo e padres da diocese estão sendo acusados pela UDR de "incitarem as invasões de terra", o que foi contestado pelo bispo, classificando as acusações de "fantasiosas, cretinas e insensatas".

CUT exige investigação

— Na sede nacional da CUT, a organização sindical divulgou, através do Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais (DNTR), uma nota oficial sobre o assunto, responsabilizando "a ausência de uma política de reforma agrária" pelos acontecimentos de Pedro Canário.

A CUT "estranhou" e "repudiou" o fato de que "tanto a Polícia Militar quanto a grande imprensa já tenham identificado e acusado José Bezerra da Silva como assassino do fazendeiro e do policial, sem que uma investigação detalhada tenha sido feita".

A nota condena a prática adotada pelas autoridades federais, que se utilizam "de dois pesos e duas medidas". O DNTR aponta, como exemplo, "os assassinatos de trabalhadores rurais que continuam sem solução, como o do então presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pancas, Francisco Domingos Ramos, ocorrido em 88".

Além disso, exige apuração das ameaças de morte contra dom Aldo e dos dois atentados sofridos por José Rainha Júnior, da direção nacional do Movimento dos Sem-Terra.

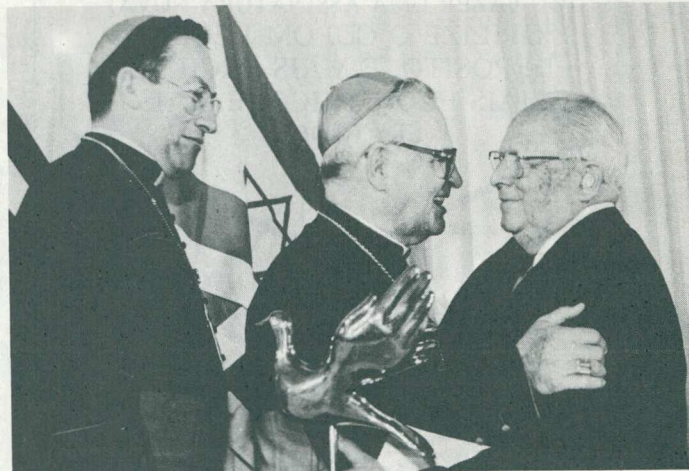


FOTO: DOUGLAS MANSUR

Prêmio Patriarca Abraão: pelo ecumenismo

Brasília (AGEN-CNBB)

— O prêmio "Patriarca Abraão" foi criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e Confederação Israelita do Brasil, sob a coordenação da Comissão Nacional do Diálogo Religioso Católico-Judaico, para homenagear pessoas ou instituições que promovam o novo relacionamento entre as duas comunidades, que consideram Abraão "o pai espiritual comum".

O primeiro "Patriarca Abraão" foi outorgado em São Paulo, na Mansão França, dia 11 de junho, às 20 horas, ao cardeal Joahannes Willebrands, de Roma, presidente do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, e para Gerhart M. Riegner, de Genebra, presidente do Conselho Diretor do Congresso Judaico Mundial.

A principal conferencista da solenidade foi Jehan Sadat, viúva do presidente Anwar Sadat, do Egito. Ela é muçulmana e tentou aprofundar o debate sobre tudo o que foi deixado por Abraão, comum aos ju-

deus, cristãos e muçulmanos. O compositor Milton Nascimento executou várias apresentações musicais.

O cardeal de Roma veio ao Brasil acompanhado do secretário da Comissão para o Diálogo com Judeus, monsenhor Pier Francesco Fumagalli, com quem visitará São Paulo, Porto Alegre, Brasília e Rio de Janeiro, para encontros com líderes de Igrejas, organismos ecumênicos e estudantes de Teologia, retornando a Roma dia 16.

Presidida pelo rabino Henry Sobel, a cerimônia teve a presença, entre outras, do presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, do senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP), do ex-governador de São Paulo, Franco Montoro, do ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré, do ex-ministro Aureliano Chaves, do prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, e da viúva de Tancredo Neves, Risoleta Neves. O cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, recebeu uma menção honrosa por seus esforços pelo aprofundamento do diálogo cristãos-judeus.

**PARA RENOVAR SUA
ASSINATURA**
(OU FAZER UMA ASSINATURA NOVA)
UTILIZE O CUPOM RECIBO
DEPÓSITO. É MAIS FÁCIL, É
MAIS ECONÔMICO, É MAIS
RÁPIDO.

Apelo dos bispos paulistas

A Assembléia Regional Ordinária, realizada em Itaici, de 5 a 8 de junho de 1989, em nota à imprensa, encerrou seus trabalhos com um veemente apelo pela urgente união de esforços em busca de soluções para a difícil situação vivida pela maioria da população. Os bispos de todas as dioceses do Estado de São Paulo apelaram aos líderes da sociedade, aos políticos e aos profissionais em greve. Em síntese é este o grito do episcopado paulista:

1. Reconhecemos que nunca se chegou, em nossa história, a uma situação de tão grave desorientação e descontrole da vida econômica e social do nosso povo, gerando forte queda na qualidade não só da alimentação, saúde, habitação e transporte, mas também nas condições da educação, trabalho e segurança das pessoas.

2. Diante da greve dos professores estaduais, vemos a tensão dos alunos e a preocupação dos pais pela interrupção das aulas. Mas não podemos deixar de fazer justiça aos professores, que recebem salários irrisórios e indignos, sem condições adequadas para o funcionamento das escolas.

3. A permanente seqüência de greves em diversos setores profissionais é um claro sintoma do descontrole no modo de administrar a ordem econômica. Revela um descompasso entre as regras impostas pelo poder público e a evolução real da produção e comercialização. Revela a injustiça mantida pelo enorme des-

nível nos salários e vencimentos. Nunca o salário mínimo no Brasil chegou a níveis tão baixos. É desumana a condição a que foram submetidos os aposentados das classes de menor renda.

4. Não se pode dizer que a administração pública não tem recursos para atender as justas atualizações salariais, pois temos visto a destinação de enormes verbas para gastos desnecessários, como a custosa publicidade de administrações governamentais. Sem falar nos escandalosos desvios de dinheiro público cujos responsáveis, mesmo denunciados, permanecem impunes.

5. Sendo as greves um direito constitucional, é evidente que devem ser conduzidas de modo pacífico e ordeiro e garantidas pelas forças de segurança. Caberá aos próprios profissionais dos serviços essenciais providenciarem turnos para não interromper a prestação de tais serviços.

6. Nosso apelo, como bispos católicos deste Estado, dirige-se a todos os líderes da sociedade para que apressem os entendimentos, que levem a decisões justas e humanas. Dirige-se também aos representantes do povo no Congresso, para que elaborem rapidamente os projetos de lei complementares para a execução de uma verdadeira democracia. Aos deputados da Assembléia Legislativa apelamos para que acolham as emendas populares para a Constituição de nosso Estado. É o apelo que dirigimos em nome de Jesus Cristo e do seu Evangelho, confiando na prece maternal da Virgem Aparecida.

REVISTA AVE MARIA

08.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA		FINALIDADE		VALOR	
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP		<input type="checkbox"/> assinatura nova <input type="checkbox"/> renovação		NCz\$ 15,00	
AG. 0186	CONTA 18.081	DAC 6	CEP 01.238	CIDADE/ESTADO	SÃO PAULO - SP

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

REVISTA AVE MARIA

08.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA		FINALIDADE		VALOR	
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP		<input type="checkbox"/> assinatura nova <input type="checkbox"/> renovação		NCz\$ 15,00	
AG. 0186	CONTA 18.081	DAC 6	CEP 01.238	CIDADE/ESTADO	SÃO PAULO - SP

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

41ª viagem apostólica

Procurai caminhos de um desenvolvimento para todos.

Dos dias 28/4 a 6/5 de 1989 o papa João Paulo II realizou a 41ª viagem apostólica de seu pontificado, desta vez ao continente africano. Visitou quatro países (Madagascar, Ilha da Reunião, Zâmbia e Malavi), onde falou a bispos, padres, religiosos, leigos, jovens, representantes de outras religiões e governantes, alertando-os e animando-os na prática da vida cristã e eclesial.

Madagascar: (28 a 30/5)

Localizada no oceano Índico, Madagascar é a 4.ª ilha do mundo em extensão (687.040 km²) e possui 11 milhões de habitantes, dos quais 2.574 são católicos. A evangelização da ilha iniciou-se em 1580, com os dominicanos, e hoje conta com catorze dioceses.

Aos jovens malgaxes o papa falou da opção vocacional: "Jovem malgaxe, descobre em ti mesmo as riquezas do dom de Deus. Tu bem sabes que se queres receber tudo sem dar o melhor de ti, não serás feliz".

No dia 30/5, pela manhã, foi beatificada pelo papa a leiga malgaxe Vitória Resoamanarive, que deu testemunho cristão na vida matrimonial e no serviço aos pobres: "Ela acolheu o Espírito de Cristo. Não acreditava que um cristão pudesse levar a seus irmãos a Boa Nova sem abrir todo o seu ser ao poder da graça. A beatificação de Vitória é um encorajamento para todas as suas irmãs de Madagascar. Sintam-se elas plenamente reconhecidas na sua dignidade e nas suas responsabilidades como cristãs! Que elas não hesitem em dar sua contribuição específica à evangelização!"

Reunido com o laicato, o papa salientou o compromisso batismal: "O apostolado visa naturalmente à conversão e ao progresso espiritual das pessoas: trata-se de sensibilizar o coração de seu vizinho, do seu amigo, do seu companheiro de trabalho. Na vida social devem procurar introduzir a novidade do Evangelho nas mentalidades e nas estruturas sociais".



Ilha da Reunião: (1 e 2/5)

Localizada no oceano Índico, a ilha foi descoberta em 1513 e em 1649 foi ocupada pelos franceses. Conta com 560 mil habitantes, católicos em sua maioria.

Em São Dinis, capital do país, o papa reuniu-se com o clero e comissões pastorais. Aos jovens deu especial atenção: "Vós dizeis que é difícil ser cristão. É de fato um longo caminho. Contudo, Cristo faz apelo à vossa liberdade: convida-os a crer, a amadurecer e a dar fruto. Ele espera de vós uma resposta que empenhe toda a vossa pessoa".

Na tarde do dia 2/5, João Paulo II beatificou o irmão Scubilion, lassalista, nascido na França em 1797 e que trabalhou na ilha como missionário. Lembrando as virtudes do beato, exortou a todos: "Vivei em conformidade com as exigências cristãs e tornar-vos-eis testemunhas do amor. Procurai com todos os outros os caminhos de um desenvolvimento humano para todos, a fim de que cada pessoa seja reconhecida em sua dignidade".

Zâmbia: (2 e 3/5)

Apesar de ser um país rico em minérios, a antiga Rodésia do Norte passa por momentos difíceis em sua economia, como todos os países em vias de desenvolvimento. A população chega a 7 milhões de habitantes, dos quais dois milhões são católicos.

Chegando a Lusaca, capital, o papa reuniu-se com os sacerdotes e religiosos: "Peço-vos que mantenhais vivo o espírito missionário e que cultiveis a semente que aqui foi lançada". Junto aos jovens, distribuiu palavras de confiança: "Jesus conta convosco para libertar o mundo do pecado e do egoísmo. Ele é a luz segura num mundo obscurecido pela fuga às realidades da vida e pela confusão dos valores".

Ao término da visita dirigiu sua palavra aos leigos: "Inspirados pelo Evangelho trabalhai, para uma sociedade mais justa, para a paz, para a dignidade e os direitos de toda pessoa humana, para a solução dos problemas sociais e para a defesa da vida".

Malavi: (4 a 6/5)

Localizado no sul da África o belo país alcançou sua independência em 1964. Desde então, convive com um presidente vitalício. Atualmente conta com 8 milhões de habitantes, dos quais 1,5 milhão são católicos. (4 e 5/5).

Aos sacerdotes, religiosos e seminaristas, exortou: "Devemos ser exemplos de amor". Em seguida reuniu-se com os bispos: "O Reino de Deus significa trabalhar pela justiça, a paz, a reconciliação neste mundo, como também proclamar a sua plena realização no outro mundo".

Aos leigos: "Deixai que as raízes do Evangelho mergulhem cada vez mais profundamente na vossa cultura. É através dela que a fé cristã se torna parte da História. Como leigos cristãos tendes o direito e o dever de participar da vida pública: nos campos social, econômico, jurídico, administrativo e cultural que servem ao bem comum. Deveis ali dar testemunho dos valores humanos e evangélicos de liberdade, justiça, solidariedade, serviço, simplicidade de vida e um amor preferencial pelos pobres. (...) Digo-o porque o amor é uma força poderosa: o amor pode transformar o mundo".

UM NOVO SIM À VIDA

Na 27ª Assembléia Geral da CNBB, realizada de 5 a 14 de abril, os bispos reunidos em Itaici divulgaram uma declaração sobre o problema do aborto, que anualmente faz milhares de vítimas em todo o Brasil. No documento, o episcopado brasileiro alerta que a interrupção da gravidez é gerada por vários fatores, "entre eles os sócio-econômicos, onde se encontram as opções que insistem em privilegiar o econômico sobre o social, com uma política de produção voltada para a exportação e que continua a exigir altos custos sociais da Nação". Na íntegra, o documento:



O crescente êxodo do campo para a cidade continua sendo forçado pela concentração fundiária e pela ausência de reformas profundas, que propiciem a permanência no meio rural, em condições humanas favoráveis. Em consequência, crescem os cinturões de miséria nos grandes aglomerados urbanos, impossibilitando condições aptas a uma vida familiar digna. Favorece o aborto, outrossim, o fato de mães empregadas não poderem dispensar os devidos cuidados aos filhos, como também a não aceitação de mulheres gestantes em empresas privadas.

Dentre os fatores sócio-culturais, denunciemos: a tremenda crise de valores; a falsa idéia - difundida por um feminismo exagerado - que defende um ir-restrito direito sobre o próprio corpo; a crescente onda de imoralidade e permissividade, tão fortemente estimulada pelo mau uso dos meios de comunicação social, notadamente a televisão. Em todos os casos é sempre a família a grande vítima.

Atinge-se frontalmente a dignidade da mulher, tantas vezes marginalizada e instrumentalizada e que se torna, no caso do aborto, não apenas sujeito, mas também objeto de profunda agressão física e psicológica, gerando-se nela forte sentimento de culpa.

Preocupa-nos e entristece-nos o fato de a nova Carta Magna não ter assegurado suficientemente o direito à vida desde o instante da concepção.

Dentre os fatores sócio-religiosos enumeramos: a falta de uma fé coerente e a perda do sentido ético e moral, a ausência de ambiente cristão no lar e o

egoísmo da família, sem abertura para o outro, especialmente para o nascituro.

Se a Igreja, reiteradas vezes, assumiu posição de denúncia contra o assassinato de tantos que se engajam na construção de uma sociedade justa e fraterna, não nos é lícito calar diante dessa grave situação que ceifa milhões de vidas inocentes e indefesas.

Se a sociedade se aflige diante de milhões de menores abandonados, não deveria também escutar o clamor silencioso de milhões de nascituros eliminados pela prática do aborto?

Em nossa sociedade, omitem-se ou adiam-se, indefinidamente, as soluções dos problemas básicos, apelando-se, em dedução errônea e inaceitável, para a liberalização do aborto, como se os culpados fossem os nascituros.

Além disso, fique claro que, mesmo se esses fatores fossem eliminados, não se justificaria a interrupção de uma gravidez por tratar-se de ato intrinsecamente mau, contrário ao direito à vida.

A Igreja orienta os esposos para o planejamento familiar, salvaguardados os princípios éticos e morais, respeitando-se a decisão responsável e consciente dos pais.

Reconhecemos o dever de se aprimorar o serviço à família para que nela se transmitam os valores humanos, éticos e cristãos.

Ao Estado cabe a grande e urgente responsabilidade de salvaguardar os valores e interesses da família em seus direitos fundamentais, entre os quais o direito à vida desde a concepção.

Pedindo a Deus que ilumine e fortaleça a consciência de todos, especialmente dos médicos e outros agentes da saúde, professamos nossa fé no Deus Pai que enviou seu Filho "para que todos tenham vida e vida em abundância".

Que esta declaração seja um apelo para a observância do mandamento do Senhor: "Não matarás" (Ex 20,13) e uma conclamação para que todos possamos dar "um novo sim à vida". ●

Itaici, 14 de abril de 1989.

É missão da Igreja anunciar Jesus Cristo, que venceu a morte para conquistar-nos a vida.

Na busca constante de fidelidade a esta missão, nós bispos católicos do Brasil, reunidos na 27ª Assembléia Geral, dirigimo-nos aos fiéis cristãos e a toda a sociedade brasileira em defesa da vida, agredida pela prática largamente difundida do aborto.

Estimam-se em milhões os abortos provocados por ano no Brasil. Multiplicam-se as clínicas da prática do aborto. Isso constitui forte interpelação à nossa sensibilidade humana e consciência cristã de filhos de Deus.

Igreja defende direito à vida

Entre os fatores de natureza sócio-econômica, encontram-se as opções que insistem em privilegiar o econômico sobre o social, com uma política de produção voltada para a exportação e que continua a exigir altos custos sociais da Nação brasileira.

PRESENÇA DE MARIA: FORÇA PARA O TESTEMUNHO

José Cristo Rey García Paredes



Nesta página mariana apresentamos uma série de 30 meditações (que posteriormente poderão ser colecionadas); reflexões desenvolvidas a partir da encíclica “Redemptoris Mater” (Mãe do Redentor) do papa João Paulo II. É a espiritualidade mariana que poderá nos ajudar na vivência da fé cristã e na prática da caridade.

Maria, exemplo da fé que obedece

“A missão dos apóstolos começa no momento de sua saída do cenáculo de Jerusalém. A Igreja nasce e cresce então por meio do testemunho que Pedro e os demais apóstolos dão de Cristo crucificado. Maria não recebeu diretamente essa missão apostólica... Mas ela estava no cenáculo, onde os apóstolos se preparavam para assumir essa missão com a vinda do Espírito. Em meio a eles, Maria perseverava na oração como ‘mãe de Jesus.’” (RM, 26)

Entre Maria e a Igreja existe um evidente paralelismo. Maria é uma parte da Igreja, mas não é toda a Igreja. Maria é, na Igreja, o paradigma da fé que obedece à palavra. Mas Pedro, que falava em nome dos doze, era o paradigma da fé proclamada. Pedro e os demais apóstolos representavam a crença da Igreja para conservar e proclamar autorizadamente a palavra. Maria representa a acolhida dócil e pessoal dessa palavra. Maria é o sinal do “poder carismático” da fé e Pedro, da autoridade institucional da missão que guarda e transmite a palavra. Em Maria a Igreja contempla sua “alma eclesial”,

seu “eu fiel”; em Pedro, a promessa irrevogável de Jesus de confirmar-nos na fé. A Maria foi dito: “Feliz é você por ter acreditado”. A Pedro foi dito: “Rezei por você, para que não desfaleça; e você, quando voltar, confirme a seus irmãos”. Maria é o lado interior da palavra.

Assim se explica por que “todos aqueles que, ao longo das gerações, aceitando o testemunho apostólico da Igreja, participaram daquela misteriosa herança, em certo sentido participaram também da fé de Maria” (RM, 27). Por isso, muitos fiéis “encontram na fé de Maria o sustentáculo para sua própria fé” (RM, 27).

Oração

Pai, não sabemos como agradecer-lhe o fato de ter feito Maria, a mãe de Jesus, o modelo de fé nas origens da Igreja; ela determinou o estilo de fé da Igreja desde o princípio; pedimos-lhe, Pai, nosso amado Pai, participar da fé de Maria e encontrar nela o sustentáculo para nossa própria fé. Amém.

Presença de Maria no Pentecostes permanente da Igreja

“Os fiéis cristãos, ainda que espalhados pela face da Terra, comunicam-se ou estão em comunhão entre si por meio do Espírito Santo. Pode-se dizer que nesta união entre os fiéis se realiza constantemente o mistério de Pentecostes... em companhia de Maria; a mãe de Jesus... Nesse tempo de espera, Maria... está presente na missão e na obra da Igreja que introduz no mundo o Reino de seu Filho” (RM, 28).

Pentecostes não é apenas um fato histórico. É um mistério permanente na Igreja. Também hoje, como então, Maria está presente nele. A presença de Maria não se deduz de colocações teóricas ou dogmáticas. É uma presença experimentada e testemunhada por muitíssimos fiéis. É uma presença carismática, eficaz, intrínseca, que põe a Igreja de hoje numa maravilhosa conexão com a Igreja apostólica. A presença de Maria “encontra múltiplos meios de expressão em nossos dias, como ao longo da história da Igreja” (RM, 28). São muitos os fiéis que, em sua fé e piedade, experimentaram a presença de Maria. A maioria dos institutos religiosos, comunidades carismáticas e não poucas famílias rememoraram e revivem Maria, sempre presente em suas origens, em sua vida, em seus momentos mais cruciais. Não poucas igrejas particulares invocam Maria sob uma denominação específica e contam com algumas experiências carismáticas de sua presença. O mesmo podemos dizer de nações inteiras e mesmo de seus continentes. Essa é a mensagem da Palestina, de Roma, de Guadalupe, de Lourdes, de Fátima, de Jasna Góra. A geografia mariana dos santuários é testemunha dessa presença misteriosa de Maria na Igreja, em seu permanente Pentecostes.

Oração

Seu Espírito, Pai, continua descendo sobre as comunidades daqueles que crêem no Senhor. Pentecostes continua acontecendo como um milagre permanente entre nós. Obrigada, Pai, por fazer com que, nesse acontecimento, Maria, nossa mãe na fé, esteja presente para impulsionar-nos e animar-nos a acolher sem medida o Espírito e em tudo tornar-nos dóceis a ele. Que assim seja. Amém.

Maria, misteriosa presença!

"A presença de Maria encontra múltiplos meios de expressão... Na fé de Maria, voltou-se a abrir por parte do homem aquele espaço interior no qual o Pai eterno pode nos premiar 'com toda espécie de bênçãos espirituais': o espaço da nova e eterna aliança. Esse espaço subsiste na Igreja" (RM, 28).

Maria não é, para a Igreja, uma mera lembrança, uma evocação do passado. É, sobretudo, uma presença. A Igreja (e isto é algo muito misterioso!) sentiu, inclusive com boas razões, que a morte não separou Maria de nós; que aquela a quem Jesus crucificado proclamou "mãe" de seus discípulos "não nos deixou órfãos"; que aquela que deu vida a Jesus foi devolvida à vida, ressuscitada pelo poder do Ressuscitado. Em Maria todo seu ser ficou vivificado, porque Deus ressuscita todo aquele que tem germes de graça; em Maria não havia desperdício. Ela toda teve de ser ressuscitada! Toda ela foi recuperada! E quando alguém chega à sua plenitude em Deus-onipresente, essa pessoa não se perde, não se afasta, mas se recupera, se aproxima, vive vivificando: "ela vai e fica". Maria "foi e ficou" totalmente, corpo e alma. Em Maria, depois de Jesus, ressuscitou a inocência, a pureza. Em Maria de Nazaré, a nova Eva, só havia germes de vida; Maria germinou totalmente na primeira colheita da ressurreição.

Explica-se, então, como é possível que Maria manifeste de tantos modos sua presença e que, através de suas manifestações, sejamos plenificados com tantas bênçãos de Deus.

Oração

Pai, o Senhor que nos manifestou sua misericórdia e compaixão através do rosto materno de Maria, e nela e através dela nos diz que sempre nos acompanha, que em nós há germes de vida e muitos motivos para esperança, acolha-nos e perdoe-nos, dando-nos alento por meio dessa "mãe espiritual" que nos foi dada. Isto lhe pedimos por Jesus Cristo, seu filho, nosso Senhor.

Maria em sua plenitude: a Assunção

"A peregrinação da fé já não pertence à mãe do filho de Deus: glorificada junto ao filho nos céus, Maria já recuperou o umbral entre a fé e a visão, 'face a face'" (RM, 6).

A Assunção nos fala, antes de tudo, do Deus fiel que cumpre suas promessas. Para aqueles que são fiéis à aliança, as promessas de Deus se cumprem "sem demora" e "cem por cento". Aquele que segue Jesus "herda a vida eterna" e Jesus lhe promete que "lhe preparará um lugar, que voltará e o levará consigo", para que, onde ele estiver, ali esteja também seu servidor.

Se Maria é a "primeira discípula de Jesus", a "fiel" por antonomásia, a mulher guiada sempre por Deus, sempre dócil ao Espírito, será que Deus nela não cumprirá todas as suas promessas? Maria, elevada e glorificada, é para a Igreja a garantia do cumprimento das promessas de Deus. Como muito bem disse o Concílio Vaticano II: "A mãe de Deus é já o cumprimento escatológico da Igreja: a Igreja nela alcançou a perfeição, em virtude da qual ela não tem mancha nem defeitos; ao mesmo tempo, os fiéis... levantam seus olhos a Maria, que resplandece como modelo de virtude para toda a humanidade dos eleitos" (LG, 65).

Oração

Deus, Pai de nossos pais na fé, que cumpriu as promessas da aliança ao ressuscitar Jesus — e com ele e a partir dele também Maria, como primícias da nova humanidade —, continue em nós sua ação vivificadora e não permita que sejamos instrumentos de morte, nem que as forças da morte nos vençam. Conceda-nos seu Espírito de vida por Jesus Cristo, seu filho. Amém. •

Tradução: Suely Mendes Brazão

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri).

Já me decidi... Vou ser IRMÃ CANISIANA



Para me consagrar a Deus no "SERVIÇO À PALAVRA DE DEUS", que leva o homem a uma realidade mais humana e menos injusta.

Para tomar a defesa dos pobres, dos que necessitam ser evangelizados, vou trabalhar na

evangelização: catequese, missões, paróquias, livrarias e colégios.

SERVIÇO SOCIAL:

creches, cursos semiprofissionalizantes e com famílias carentes

E você, também pensa como essa jovem?

Venha conosco porque ela já é uma das nossas.

**SECRETARIADO
VOCACIONAL**

**Irmãs de São Pedro
Canisic**

Cx. Postal 12

12.570 - Aparecida - SP

FELICIDADE ALGUÉM INTERESSADO?

Pe. Henry Fehren

CONTENTE COM DEUS

Um rabino convidou-me para participar com ele de uma cerimônia de casamento entre católico e judeu. Aos rabinos não é permitido presidir esse tipo de cerimônia, porém ele, como muitos rabinos hoje, tinha decidido que seria melhor ajudar as pessoas ao invés de prejudicá-las.

Assim, lá estava eu congelando-me no banco de trás de seu enferrujado carro velho. Ele ofereceu-se para apanhar-me e levar-me à cerimônia. Sua esposa estava no banco da frente, com ele. Era inverno, a janela estava quebrada e eu tremia de frio. Na cerimônia ele usou um traje preto que parecia não ter ido à tinturaria fazia anos e um surrado chapéu preto de quatro pontas semelhante a um barrete que os padres costumavam usar. Com uma voz arranhada, ele tentou entoar as orações que eram cantadas sobre o vinho, nas cerimônias judaicas.

Numa outra ocasião fomos novamente convidados para uma cerimônia semelhante e ele, mais uma vez, muito generoso e atenciosamente, chamou-me para ir com ele. Duvidando da capacidade de seu carro conseguir chegar lá, disse-lhe que iria sozinho e, como eu prevera, o carro quebrou. Ele telefonou-me,

avisando-me de que não conseguiria chegar lá, e os pais judeus em cuja fé o cristianismo é fundamentado, convidaram-me para presidir a cerimônia sozinho. Conhecia o suficiente sobre a cerimônia judaica para incluir seus elementos no ritual.

Ele era um homem de profunda fé e vivia à beira da pobreza. Bezelel Silberberg era seu nome, e sua dedicada esposa acompanhava-o às cerimônias de casamento, porque ele tinha mais doenças físicas que Matusalém tinha de idade. Seus irmãos e suas irmãs eram saudáveis e ele es-

pantava-se porque fora acometido de tanto sofrimento físico. Contudo, não se queixava; era um homem de oração e estava feliz com Deus. Ele e sua esposa ainda abrigavam gatos abandonados e cuidavam deles. Morreu relativamente jovem, aos 57 anos. Eu gostava dele e tinha grande respeito por esse santo homem.

Pensei nele num outro dia, quando uma mulher católica veio ver-me.

Como o rabino, ela também sofria de muitas doenças físicas. Além disso, ela sofria com o abandono de



seu marido, com a terrível pobreza e com as preocupações relativas à alimentação de seus filhos. Tristezas, dores, aborrecimentos, provocações e tribulações pareciam alinhar-se para atormentá-la. Contudo, ela permanecia próxima de Deus. Ela não se queixava. Estava contente com Deus. O que a sustentava através de tudo isso, disse ela, era a oração.

Oração. Outra vez essa palavra. Eu fiquei impressionado com a beleza de sua fé na oração. Repetidas vezes, nós, cristãos, ou ouvimos falar de que maneira as pessoas têm sido sustentadas pela oração, numa crise, ou lemos algo a respeito disso. Também, ou ouvimos falar de que maneira o sofrimento é suportável através da oração, de que maneira, num estado de angústia, a paz é alcançada e mantida pela oração.

Tendo acabado de escrever isso, recebi um exemplar do New York Times do dia. Nele havia uma de-

claração de Mayor Koch sobre oração. Ele sofrera um derrame que quase o paralisou. Muitas pessoas rezaram por ele, e ele saiu do hospital em quatro dias, sem nenhuma paralisia ou diminuição das faculdades. "A maioria dos funcionários públicos são relutantes em expressar sua crença na divindade", disse ele. "Nunca fui relutante. Creio no poder da oração."

Se ele tivesse ficado paralisado, será que ele ainda acreditaria no poder da oração? A oração não é uma medida de emergência. Não é um salva-vidas. Não é algo que está à disposição, no momento em que você precisa. Não é pedir a Deus que realize o nosso desejo, mas pedir a Deus que nos ajude a aceitarmos a sua vontade. Está certo, com nosso limitado conhecimento, pedirmos a Deus o que desejamos, mas Deus sabe um pouco mais das coisas do que nós. Deus não se incomoda com nossos pedidos de coisas erradas; Deus já fica simplesmente feliz, por estarmos pedindo. Visto que nos ama, Deus fica contente, quando mantemos contato com ele. Sempre nos ouve. Como alguém disse, se achamos que Deus está distante, reflita: quem se afastou?

LEIS PARA SEREM VIVIDAS

Ouvimos falar de que o amor analisado não é amor; porém, será que amor não demonstrado é amor? Cristo deu somente duas leis: amar a Deus com toda nossa mente, coração e alma e amar ao próximo como a nós mesmos. Se amamos a Deus, deveríamos, como em qualquer família, fazer isso. Eis a oração. Deus, de vários modos, diz-nos todos os dias que nos ama.

Nós, cristãos, podemos dizer que oramos para Deus; porém, ele não nos responde. Jesus insistia na oração, e se nós lermos os Evangelhos, veremos que ele orava muitas vezes, falava com seu Pai muitas vezes. Contudo, não há evidência nos Evangelhos de que seu Pai lhe res-

pondia. No batismo e na transfiguração de Cristo, uma voz vinda do céu diz que Cristo é seu Filho amado muito estimado, porém essa mensagem é para o povo, não diretamente para Cristo.

Dos Evangelhos, aprendemos que: Jesus é amado pelo Pai; só ele conhece o Pai; eles são um só; estão um no outro; Jesus ensina o que aprende com o Pai; realiza sua obra; o Pai é maior e Jesus recebe todo o poder e autoridade dele; vive através dele e ninguém pode ir ao Pai, senão por seu intermédio.

Contudo, não temos palavras do Pai em resposta às muitas orações de Jesus. Nas orações de Jesus para o Pai ele está sempre confiante de que o Pai está presente, está ouvindo-o. Quando Lázaro foi ressuscitado, Jesus olhou para o alto e disse: "Pai, agradeço-lhe por ter-me ouvido. Sei que você sempre me ouve" (João 11:41-42).

Quando Jesus, suando sangue, antes da sua crucificação, rezou para seu Pai no jardim das Oliveiras, pediu, que o cálice do sofrimento fosse retirado, mas somente se isso fosse a vontade de seu Pai. Um anjo então apareceu-lhe do céu, para fortalecê-lo (Lucas 22:43). Nós poderíamos dizer que Deus estava respondendo à oração de Jesus; porém, não da maneira que Jesus teria humanamente desejado. Quem de nós deseja sofrer humilhação, desprezo e flagelo, carregando uma cruz e passar uma agonia de três horas nela?

Conosco também a resposta de Deus à nossa oração para sermos aliviados do sofrimento, não é para tirar-nos do sofrimento, mas para dar-nos a força de suportá-lo. Em nossas orações, devemos dar a Deus tempo para sua resposta. Jesus sofreu na sexta-feira, porém seu sofrimento não durou até domingo, quando gloriosamente ressuscitou.

Seu sofrimento foi temporário; sua glória é para sempre. Nós não lamentaremos nosso sofrimento, uma vez que tivermos entrado na glória eterna.



Deus lembra-se de nós todos os dias. Assim nós devemos lembrar-nos dele todos os dias. Se não sabemos o que dizer, podemos simplesmente ser gratos a ele e pedir que nos dê a graça de querermos rezar, pois o desejo já é uma oração. Ou podemos simplesmente perguntar, como Paulo o fez na estrada para Damasco: “O que devo fazer?” (Atos 22:10).

O ritmo da vida está tão rápido hoje, que dizemos: Estamos tão ocupados que é difícil achar tempo para a oração. Nenhuma dúvida sobre isso; é verdade. Porém, quanto mais ocupados somos, mais precisamos de tempo para rezar. A ocupação absorve nossa mente e achamos que somos bons, porque estamos ocupados. É muito satisfatório estarmos ocupados.

Podemos ficar tão ocupados, que não mais sabemos a causa disso. Da mesma forma, ocupar-nos até chegarmos ao carro funerário e não sabermos para onde ele nos está levando. Posso achar que não existe ninguém mais ocupado que Jesus. Ele era um homem único de uma só revolução. Tinha tanto para fazer, tantas pessoas para ensinar, tantas pessoas para curar. Ele tinha que lidar com o governo civil-religioso local; tinha que lidar com os fariseus e os escribas; tinha que guiar os apóstolos para uma comunidade responsável que pudesse continuar seus ensinamentos e o seu trabalho. As pessoas aglomeravam-se para vê-lo, para escutá-lo, para serem curadas por ele. Estou certo de que ele queria ver sua mãe mais freqüentemente.

Ele fazia um bom trabalho; fazia obras de caridade, ensinava, curava, confortava as pessoas, expulsava o demônio e ressuscitava mortos para a vida. Contudo, sabia que precisava ter tempo para rezar, e vemos, através dos Evangelhos, que ele o fazia. Para Jesus, a oração não é um luxo; é uma necessidade. Ele precisava permanecer próximo de seu Pai; precisava saber quem ele era

e o que estava para fazer, qual era sua missão, por que seu Pai o tinha enviado, do que se tratava.

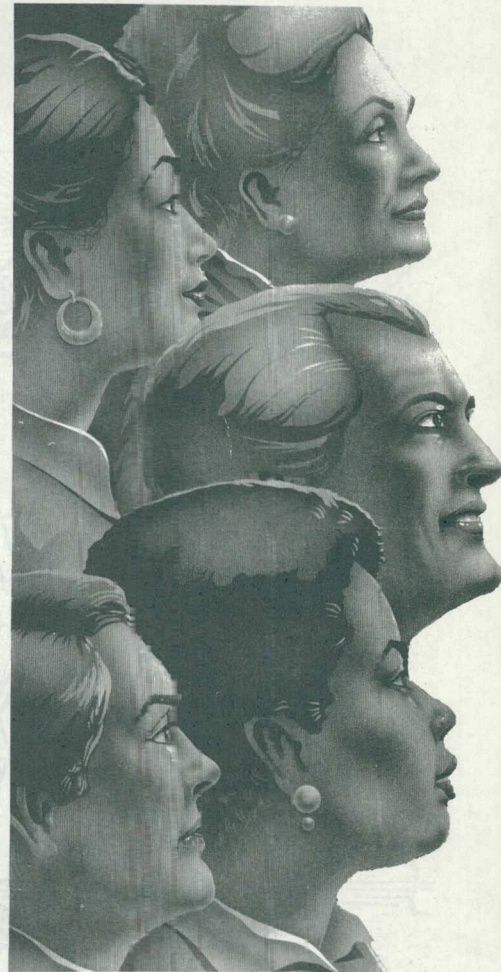
Acontece o mesmo conosco. É bom e é necessário, para nossa salvação, que façamos obras de caridade; porém, se não rezarmos, provavelmente não continuaremos fazendo as obras de caridade. Não, não tão ocupado que eu não possa rezar, mas de tal forma ocupado que devo rezar.

Felizes as crianças cujos pais, quando elas acordam, rezam as orações da manhã com elas, todos os dias, deixando-as saber que Deus as guardou durante a noite, que elas vão estar com Deus durante aquele dia. Felizes as crianças cujos pais rezam com elas, em cada refeição, pedindo a Deus para abençoar o alimento e agradecer a Deus por fornecer o sustento. Felizes as crianças cujos pais todos os dias rezam com elas, quando estas se retiram para dormir, pedindo perdão pelos erros cometidos durante o dia, agradecendo a Deus pelas bênçãos e benefícios do dia e pedindo sua contínua proteção durante a noite.

ORAÇÕES DE VALOR

Todos os dias, encontramos tempo para comer, ir ao trabalho, lavar os pratos, apanhar a roupa seca, dormir, fazer sexo, assistir TV, fazer milhares de coisas, mas o que todas essas atividades significam, se não rezamos? Qual o valor delas? Para onde, finalmente, elas nos levam? Podemos estar tão piedosamente motivados em fazer o bem e ficamos ocupados a tal ponto que nos sentimos culpados, se tiramos tempo para rezar. Contudo, Jesus é nosso modelo e ele, ocupado com bons trabalhos, tinha tempo para rezar. O aluno não é mais notável do que o professor, o criado não é maior... do que o patrão (Mateus 10:24; João 16:16).

Sidney Callahan em *Com Todo Nosso Coração e Mente: os trabalhos espirituais de caridade numa*

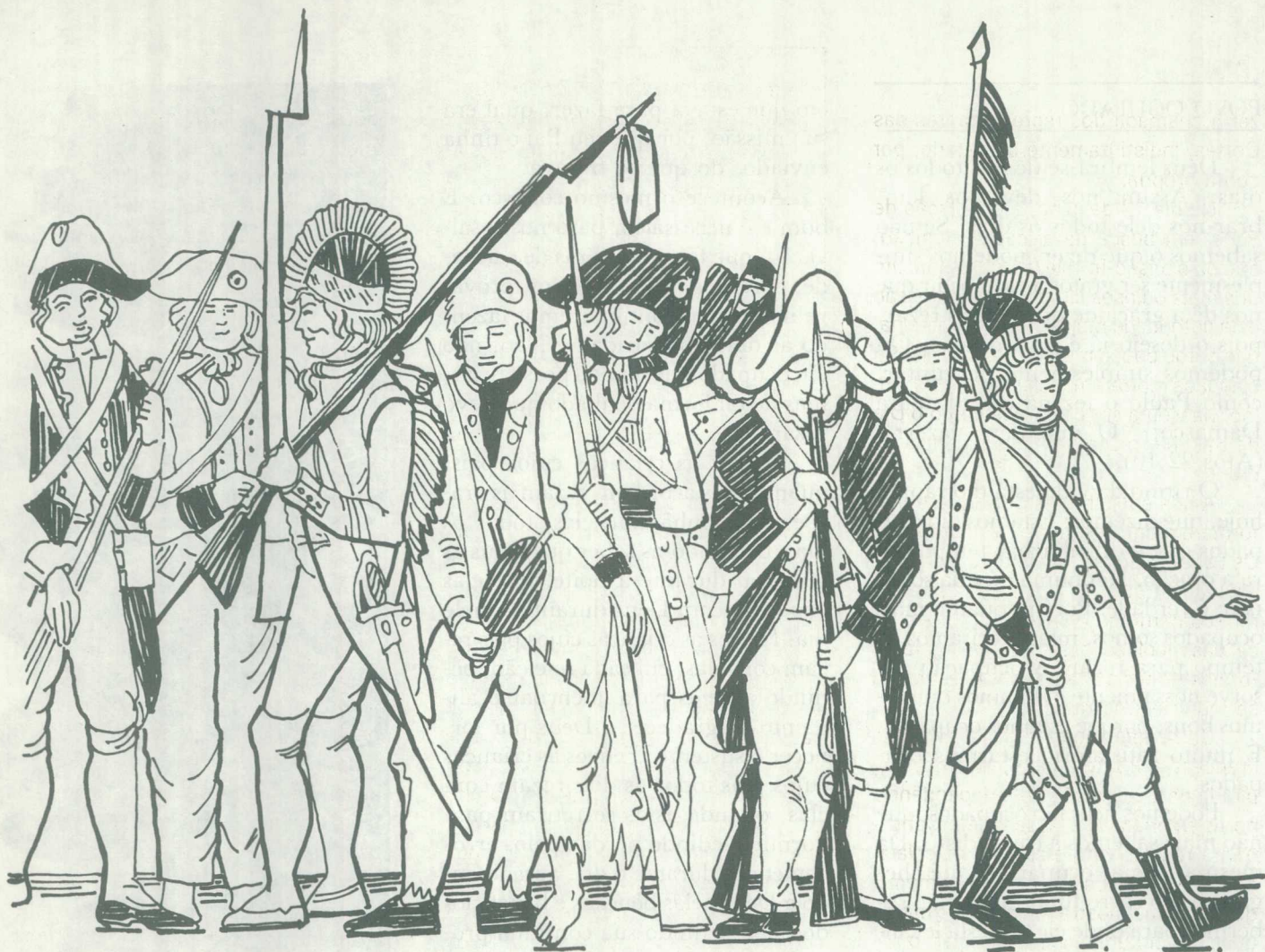


época psicológica diz que “uma pessoa que reza, ergue-se como uma água e tem sua juventude perpetuamente renovada”. Ele acha que as pessoas muito dadas a rezar parecem ser diferentes; “Há alguma coisa particularmente luminosa e límpida em seus olhos.” A face de Moisés, brilhava quando ele conversava com Deus (Êxodo 34:29-30).

Jesus, um homem de oração, era uma pessoa feliz, alegre. Falava de sua alegria, uma alegria que ele quer compartilhar com os apóstolos, na sua última oração da ceia, para seu Pai (João 17:13). Através da oração, compartilhamos com sua alegria. Felicidade: alguém interessado nela?

*Tradução de
Izilda Aleixo Averso*

*(Artigo extraído da revista U.S. CATHOLIC, outubro, 88 -
Publicação claretiana).*



Causas e efeitos da Revolução Francesa

***José Carlos Salvagni e
Antonio Maurício Rocha Lima***

***Em que dia a Revolução
começou?***

Dependendo do enfoque, a Revolução Francesa resultou de um processo de crise econômica e de exigências de reformas que forçaram o rei Luís XVI a convocar as Cortes — o antigo Parlamento francês —, que não se reuniam desde 1614, para deliberar sobre o regime onde a representação se dava na forma de três Estados, e não por representantes. O Primeiro Estado era o clero, o Segundo Estado a nobreza e o Terceiro

Estado o restante da população. Este último Estado queria reformas urgentes, entre as quais que a nobreza e o clero fossem obrigados a pagar impostos e que nas Cortes o voto fosse por cabeça, contra a vontade dos demais Estados e do rei.

Nesse sentido, a Revolução Francesa pode ter começado no dia 5 de maio de 1789, quando as Cortes se instalaram. Mas datas eloqüentes são o que não faltam.

Em junho, por exemplo, os representantes do Terceiro Estado decidiram fa-

Neste ano, o mundo (e não apenas a França) comemora os 200 anos da Revolução Francesa. Ninguém escapou, de alguma forma, às suas conseqüências: nem as nações e respectivas instituições, nem as religiões, particularmente a católica. A vida dos monarcas, já abalada um século antes por fatos revolucionários na Inglaterra, que custaram a vida de um rei e o afastamento de outro, tornou-se tremendamente difícil a partir de 1789. O mercador (burguês) consolidava-se no poder. Mas a massa, o povo, despontava.

zer a chamada dos representantes das Cortes, indistintamente de Estado, por conta própria.

No dia 14 de julho, a população de Paris, em busca de armas e munição, atacou a prisão-fortaleza da Bastilha, um dos mais odiosos símbolos da opressão e da autoridade monárquica. Na batalha, que durou pouco mais de duas horas, 98 cidadãos morreram. Essa data, 14 de julho, passou a ser celebrada como o Dia da Bastilha, o Dia da Independência da França.

Ainda em julho, as Cortes se transformaram em Assembléia Constituinte. Os Estados Gerais, finalmente, estavam liquidados. Luís XVI e os nobres reagiram com irritação, ordenando que o local das reuniões fosse "fechado para reformas", mas os deputados passaram a se reunir em outra sala.

Outra data importante da Revolução Francesa é 26 de agosto, quando, inspirada na Declaração de Independência norte-americana, a Assembléia Constituinte redige, vota e aprova a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, mostrando que, acima de qualquer circunstância particular, o homem tem direitos fundamentais.

E, finalmente, nos dias 5 e 6 de outubro de 1789 ocorreria outro grande acontecimento, à frente do qual estava novamente o povo: temendo uma conspiração contra-revolucionária, a massa popular, apoiada pela Guarda Nacional, foi ao Palácio de Versalhes exigir que o rei e a família real deixassem o luxuoso palácio e retornassem a Paris, onde estariam mais próximos do povo e onde a população poderia vigiá-los mais de perto. Uma vez mais Luís XVI não tinha escolha.

Fatos antecedentes

A Revolução Francesa é apontada como o começo da Idade Moderna por fartas razões. Ela não foi o começo de todas as mudanças, mas foi sua expressão, sua vitriña. Além de aspectos imediatos como o povo exigindo medidas

26 de agosto de 1789: A Assembléia Constituinte da França realiza, vota e aprova a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, mostrando que, acima de qualquer circunstância particular, o homem tem direitos fundamentais.

contra a alta dos preços e a escassez de mantimentos, e dos camponeses exigindo o fim dos laços de servidão com os antigos senhores feudais, um outro personagem tinha pressa em que fosse liquidada uma série de velharias institucionais que lhe embaraçavam os negócios e os projetos: o mercador. Ele queria modernidade e poder. Os burgueses ingleses, com suas revoluções anteriores, haviam colocado aquele país na dianteira econômica do mundo, particularmente na liderança da produção industrial de manufaturas. Porém, reclamavam agora dos embaraços do Estado. E agiam como competentes subversivos, confundindo-se com os legítimos e supremos interesses do próprio Estado.

A Revolução Francesa e sua filosofia inspiradora, o Iluminismo (que influenciou fortemente a Declaração de Independência norte-americana), resultaram, na verdade, também de uma série de circunstâncias anteriores fundamentais que exerceram um forte impacto cultural sobre a Europa, com seus novos referenciais civilizadores¹ como a Reforma, que marcou o início da fase de transformação social, política e religiosa; uma sequência de episódios na Inglaterra desde que Henrique VIII rompeu com Roma, subordinando a Igreja ao Estado por volta de 1540, a criação da Igreja Anglicana por sua sucessora Elisabete I; a Revolução Inglesa de 1640/60, que deu origem ao Commonwealth (Estado inglês na época), controlado por Oliver Cromwell; a chamada Revolução Gloriosa de 1688; a Declaração dos Direitos que o rei Guilherme III teve de assinar em 1689; a Re-

volução Comercial, o racionalismo filosófico e o experimentalismo científico.

Tudo isso pesou, e muito, na Revolução Francesa. Mas o mercador burguês, personagem que brilhara antes nas revoluções inglesas e na independência dos Estados Unidos, preservou seus interesses na Revolução Francesa, apesar da guilhotina. Ele agora não era mais apenas senhor da vida da cidade, mas também do próprio país.

O antigo mercador, dono da cena

As próprias circunstâncias da vida, ao longo de quase mil anos, desde que o comércio voltou à Europa, criaram condições para que o mercador — ora chamado de "pé sujo"², ora de "pé empoeirado"³ — circulasse de feudo em feudo vendendo suas bujigangas sob suspeita da Igreja, que não gostava de lucros e juros. Ele passou a ser aos poucos o canal de escoamento dos produtos do agricultor, o eixo da retomada da vida urbana, ao propiciar condições para um incipiente industrialismo. Financiou reis para que enfraquecesse os nobres em favor da não fixação de impostos, leis, taxas, tribunais, exércitos. Promoveu o Direito romano contra o direito dos costumes (feudal), bem como a construção do Estado nacional. O mercador passou a reivindicar para as cidades cartas de franquia, libertando-as de uma série de sujeições. Multiplicou revoltas para conquistar essas franquias onde os senhores feudais, especialmente eclesiásticos, criavam obstáculos. Esse personagem chegou à Revolução Francesa bem treinado em finanças, produção e distribuição de manufaturas, Direito e em controle de cargos, lazer, insurreições, administração de cidades etc. O liberalismo político e econômico inglês do século anterior e o Iluminismo vieram sedimentar ainda mais seu domínio da situação.

Por tudo isso, o mercador saíra dos fatos conturbados da Revolução Francesa cheio de compostura, faturando co-

mo prêmio a consolidação das mudanças que reivindicava e mantendo, ao mesmo tempo — em nome da liberdade de contratos, inclusive entre patrão e empregado —, a impossibilidade de os trabalhadores se organizarem em sindicatos ou de fazerem greves. Saberá usar o Estado para reprimi-los, em nome da "ordem nacional". Um advogado de companhias açucareiras das Antilhas, que usavam escravos, deputado Le Chapelier, cuidaria disso na Assembléia Constituinte. E seria acatado até o fim.

Sedutor como comerciante, o mercador burguês empregava ao máximo sua habilidade para vender a idéia da "democracia com cassetete", da legitimidade da propriedade absoluta sobre um bem nacional como a terra, conquistada por guerras, como objeto de compra e venda. Era um mestre no duplo sentido: exigia para si o direito de insurreição, entre outros, e negava-o aos sócios da véspera, ou seja, à população. Um cara-de-pau ambivalente.

O mercador não deixaria, no entanto, apenas mau exemplo. Há muito de sua trajetória na Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão. Há

*Sedutor como comerciante,
o mercador burguês
empregava ao máximo sua
habilidade para vender a
idéia da "democracia com
cassetete", da legitimidade
da propriedade absoluta
sobre um bem nacional
como a terra, conquistada
por guerras, como objeto
de compra e venda. Era
um mestre no duplo
sentido: exigia para si o
direito de insurreição,
entre outros, e negava-o
aos sócios da véspera, ou
seja, à população. Um
cara-de-pau ambivalente.*

preciosas lições para quem estiver disposto a aprendê-las, em favor da construção da cidadania. Ele é um personagem "novo" na história do mundo⁴ que precisou construir seu próprio espaço às cotoveladas, contra o senhor feudal, a Igreja, os reis, o Estado... e contra a pró-

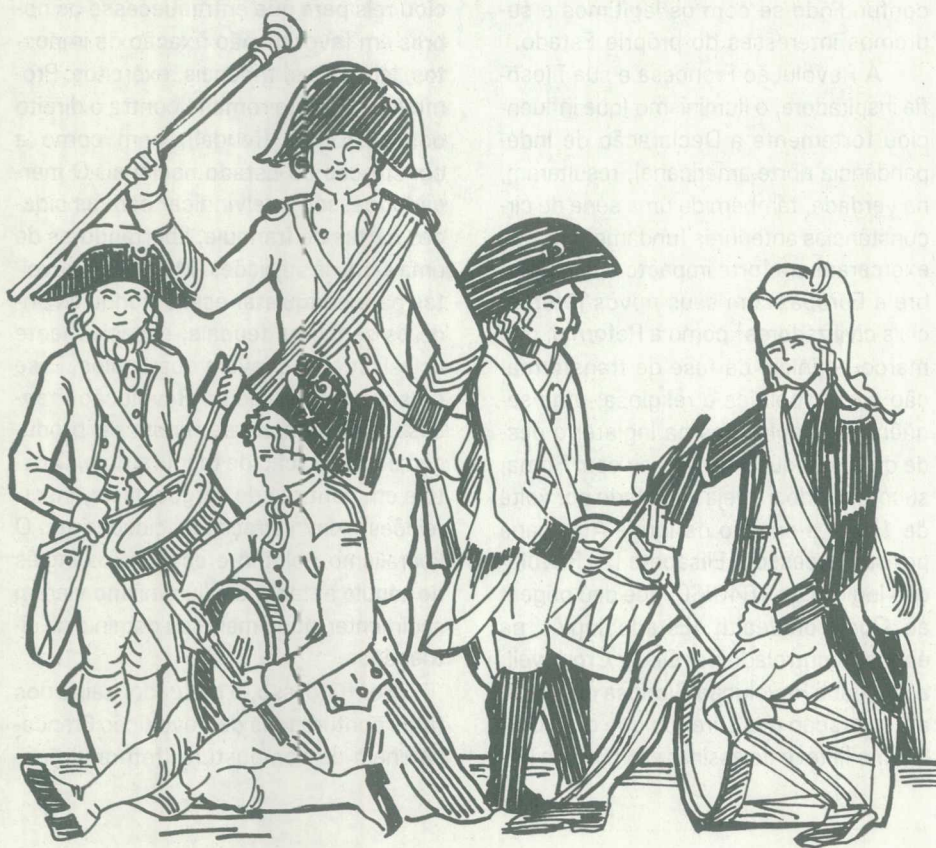
pria população, que passou a se revoltar também contra ele, depois que ele ficou com as terras do senhor feudal!...

Os príncipes avisaram tarde

No dia 12 de dezembro de 1788, os príncipes de sangue se dirigiram ao rei Luís XVI e lhe entregaram um documento, mostrando como a Revolução Francesa se foi armando aos poucos como um temporal, a partir da própria realidade social e das pregações políticas. Dizia o documento: "O Estado está em perigo; prepara-se uma revolução. Em breve, os direitos de propriedade serão atacados e a desigualdade das fortunas será apresentada como objeto de reformas. Já se propõe a supressão dos direitos feudais. Vossa Majestade poderia decidir-se a sacrificar a sua honrada e antiga nobreza?"⁵

Qualquer que tenha sido a resposta de Luís XVI, a verdade é que a economia do país estava em pandarecos, com um déficit muito grande, uma produção agrícola problemática que encarecia pesadamente o custo de vida e uma absurda intransigência da nobreza e do clero em aceitar o corte de mordomias e privilégios e começar a pagar imposto como todo mortal. Todos os ministros que tentaram consertar a economia (Turgot, Necker e Calonne) foram afastados.

Ocorre que a França havia passado por três guerras desastrosas para a economia. Primeiro foi a guerra de 8 anos com a família real dos Habsburgo, da Áustria (1740/48), perdida em favor da rival Prússia. Depois, foi a guerra de 7 anos contra a Prússia (1756/63), também perdida. A aliada da Prússia, a Inglaterra, além disso, tomava o Canadá francês e os portos franceses da Índia (até o final do século passado a Inglaterra não daria sossego aos franceses, pois não os queria concorrentes na indústria e no comércio). Por fim, a guerra nos Estados Unidos, com tropas francesas combatendo ao lado dos colonos norte-americanos para se vingar dos ingleses. Magnífica vitória, mas os gastos não



compensaram. (Ironia da história: o Marquês de Lafayette, o "herói dos dois mundos", acabaria sendo o redator da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, enquanto o rei "solitário", Luís XVI, foi morto na guilhotina.)

Para completar o desastoso quadro público, o próprio governo francês também colaborou ao assinar, em 1786, um tratado infeliz com a Inglaterra⁶ (semelhante ao que Dom João VI assinaria mais tarde e Dom Pedro I endossaria sobre a Independência do Brasil, a pedido de seu pai⁷). O tratado concedia amplas vantagens aos ingleses, abrindo os portos franceses às manufaturas inglesas, em contrapartida ao compromisso inglês de comprar todo o vinho francês. A agricultura francesa, assolada em 1784 por chuvas constantes, e no ano seguinte pelas piores secas de que se tinha notícia, não conseguiu absorver o golpe representado pelo tratado. Os camponeses então, com receio dos preços baixos alcançados pelo trigo, plantaram menos, causando o aumento do pão nas cidades.⁸

Para completar a irritação da burguesia, em setembro de 1788 o Poder Judiciário real manifestou-se pela conservação das Cortes, com os três Estados votando em separado. Isso tornou a situação um verdadeiro barril de pólvora.

O ambiente estava minado por uma inundação de panfletos. Na verdade, o grande trabalho de sapa às velhas instituições e ao absolutismo havia sido feito antes pelos filósofos iluministas, com suas atitudes e escritos. Embora dois deles — Voltaire e Rousseau — tivessem morrido 11 anos antes, as idéias caminhavam por si. Ninguém mais admitia fundamentar a autoridade real no "direito divino" e isentá-la de dar explicações por seus atos (foi assim aqui também, no nosso Império). Era preciso liquidar o resto de feudalismo, separar a Igreja do Estado, desobstruir o caminho para o capitalismo.

O Iluminismo empenhou-se em pregar o uso da razão contra as "trevas"



da ignorância, da superstição, das crenças e dos dogmas herdados da tradição medieval, dando grande valor à liberdade individual e contribuindo para que se desenvolvessem melhores sentimen-

O Iluminismo empenhou-se em pregar o uso da razão contra as "trevas" da ignorância, da superstição, das crenças e dos dogmas herdados da tradição medieval, dando grande valor à liberdade individual e contribuindo para que se desenvolvessem melhores sentimentos para com o homem comum, da massa. Em decorrência disso foi possível obter em muitos lugares a abolição da escravidão, de torturas em criminosos e a reforma de códigos penais.

tos para com o homem comum, da massa. Em decorrência disso foi possível obter em muitos lugares a abolição da escravidão, de torturas em criminosos e a reforma em códigos penais.⁹ Essa filosofia defendida também o governo exercido pelo povo, a igualdade social, a liberdade de culto e de expressão. Mas acabou gerando, via Voltaire, o despotismo esclarecido (como o praticado pelo Marquês de Pombal, primeiro-ministro português do século XVIII), com medidas que pouco ou quase nada diziam respeito à participação popular: "Tudo pelo povo, sem o povo".

O rei não faz mais o que quer

O Terceiro Estado (principalmente a burguesia) deu o troco à intransigência dos nobres e do clero em modificarem a atuação dos Estados Gerais e em se submeterem ao fim de privilégios. Submeteu a definição de impostos à sua aprovação; colocou as dívidas do Estado sob seu controle e garantia; e criou

a Guarda Nacional para controlar os atos do rei.

Quando o rei Luís XVI se deu conta da situação, ao tomar conhecimento dos episódios da queda da Bastilha, comentou: "Mas isso é uma revolta!" Seu informante, o Duque de Loucourt, foi mais longe: "Não, Majestade, é uma revolução!"¹⁰ O rei ainda tentou agir, ganhar tempo, recebendo em 17 de julho de 1789 o presidente da Assembléia Constituinte e Lafayette, comandante da Guarda Nacional. Mas não conseguiu mais influir nos fatos.

A Assembléia Constituinte, preocupada com os tetracentenários "jacqueries" (levantes de camponeses sobre as famílias dos senhores feudais para forçar estes a liberá-los de laços de servidão) que se espalhavam pelo país, decidiu aprovar uma série de reformas: a abolição dos direitos feudais, o fim de tribunais especiais¹¹ e do dízimo pago ao clero; igualdade fiscal e de empregos. O clima era de euforia.

No entanto, por trás disso, conspi-

rava-se. O líderes revolucionários e o povo ficaram de olho no rei. Nobres e altos eclesiásticos, emigrados para a Áustria e a Prússia, buscaram auxílio dos príncipes estrangeiros para esmagar a Revolução. A nobreza se apavorou e emigrou ainda mais. Príncipes alemães ameaçaram os revolucionários. O general alemão Brunswick divulgou um documento com ameaças, caso algo ocorresse ao chamado de Luís XVI. Tentava-se facilitar a fuga do rei que, disfarçado, foi descoberto pela população e trazido de volta a Paris. (As ameaças de fora fizeram, aos poucos, a burguesia mais endinheirada, ligada aos girondinos, perder momentaneamente o jogo de influência em favor de clubes políticos mais ligados à população, como os jacobinos e os cordeliers. Figuras de destaque, como o sacerdote Joseph Sieyès, Lafayette e outros, empalideceram por algum tempo em favor de figuras como Georges-Jacques Danton, Jean-Paul Marat e principalmente Maximilien Robespierre, "o Incorruptível".)



A Assembléia Constituinte encerrou seus trabalhos em setembro de 1791 e preparou-se para sair de cena, aprovando uma "Ordem Auto-Excludente", a qual proibia a eleição dos deputados daquela Assembléia para a Convenção Nacional que assumiria após sua dissolução. Luís XVI proclamou sua aceitação da Constituição mediante um documento cautelosamente redigido, com o objetivo de deter a escalada revolucionária e manter o poder nas mãos da burguesia abastada, à qual pertencia a maioria dos deputados.

Apesar de o rei haver jurado a nova Constituição, a monarquia estava seriamente ameaçada, especialmente depois do derramamento de sangue no Campo de Marte, uma grande área em Paris, onde cerca de 50 pessoas foram mortas e outras ficaram feridas durante um confronto com a mesma Guarda Nacional que, tempos atrás, lutara a seu lado.

"As armas, cidadãos!"

As conspirações prosseguiram. A Assembléia Constituinte deu um ultimato aos conspiradores da Áustria e da Prússia¹² mas não foi atendida. Então, resolveu declarar guerra a eles e, mais uma vez, não teve êxito: perdeu a guerra. Descobriu-se que Luís XVI havia dado informações confidenciais aos estrangeiros. Furiosa, a população foi ao Palácio das Tulherias, lutou com a Guarda Nacional e levou o rei e a rainha, Maria Antonieta, presos.

Em seguida, o povo enfrentou os estrangeiros em Verdun e venceu. A população tinha respondido ao apelo dos líderes revolucionários: "Às armas, cidadãos. Às armas!" A partir daí o Exército francês, reestruturado com oficiais-generais extremamente jovens, como Napoleão Bonaparte aos 24 anos, dificilmente seria derrotado novamente.

(Em dado momento, o radicalismo tomou conta do processo político quando Robespierre denunciou na Assembléia a traição do rei e de alguns generais: "Não, não me fio nos generais. E, fazem-

do honrosas exceções, digo que quase todos têm saudades dos favores de que dispõe a corte. Só confio no povo, unicamente no povo!"¹³ E a população correspondia.)

Comemoração da vitória em Paris

A população urbana, os *sans-culottes* (sem calções), sacrificada pela escassez de alimentos e pela burguesia comerciante que aproveitava o clima de guerra para especular,¹⁴ pediu controle dos preços e outras medidas reformistas, e foi atendida: os jacobinos, que ainda não estavam no poder, propuseram a criação do Comitê de Salvação Pública para denunciar tais especuladores. A população cercou a Assembléia Constituinte e exigiu a prisão dos deputados girondinos. Os jacobinos aproveitaram a confusão e tomaram o poder. Os preços sofreram controle. Redistribuiu-se a propriedade (surgindo condições para o aparecimento de três milhões de pequenas propriedades na França). A burguesia mais poderosa, ligada aos girondinos, guardou seu troco para breve.

A monarquia constitucional chegava ao fim; foi substituída pela República, em 1792. Um novo calendário, comemorando a vitória contra os estrangeiros, foi criado no dia 21 de setembro de 1792. O nome dos meses se referia a fenômenos da natureza:

- vindimário (colheita de uvas)
- brumário (mês das brumas)
- frimário (mês das geadas)
- nivoso (mês da neve)
- pluvioso (mês das chuvas)
- ventoso (mês dos ventos)
- germinal (mês da germinação)
- floreale (mês das flores)
- praerial (mês das pradarias)
- messidor (mês da colheita)
- termidor (mês do calor)
- frutidor (mês das frutas)

Esse calendário seria extinto por Napoleão posteriormente.

Em 21 de janeiro de 1793, Luís XVI e sua mulher foram executados na guilhotina, para espanto dos demais monarcas europeus. Os girondinos tentaram impedir, com receio de que o povo se radicalizasse ainda mais. Mas o domínio do jogo não estava com eles.



Com a morte do jornalista Marat, responsável pelo jornal *O Amigo do Povo*, em 13 de julho, a população passou a exigir a radicalização da Revolução, instaurando-se o regime do Terror. Havia funcionando também o Comitê de Segurança Geral. Todos os elementos suspeitos, ligados ou não aos girondinos e à aristocracia contra-revolucionária, seriam executados, depois de julgamentos populares. Nas guerras contra as nações estrangeiras a Revolução Francesa saiu-se muito bem.

O governo jacobino preparou uma Constituição bem mais moderna, em 1794, prevendo voto universal para todos, indistintamente de sua situação econômica, entre outras medidas. Mas isso só acabaria sendo instaurado na França na segunda metade do século passado, depois da Comuna de Paris e

de uma forte onda de manifestações populares (que Marx, por exemplo, veria de perto¹⁵). A situação excepcional criada pela suspensão das liberdades individuais e do Tribunal Revolucionário para julgar os inimigos da República não permitia que a nova Constituição entrasse imediatamente em vigor.

Eis um quadro do futuro

Uma pequena paralisação nesse relato é interessante para situarmos o futuro nos fatos. Não é fácil, entretanto, registrar a influência global da Revolução Francesa sobre a história do mundo, espalhada sobremaneira pelo período napoleônico. A unificação da Itália e da Alemanha (e seu rápido ingresso na Revolução Industrial); a modernização política das nações, com a tripartição das atribuições do poder (Executivo, Legislativo e Judiciário); as Constituições; o princípio da separação da Igreja do Estado; o conceito dos direitos fundamentais do

homem, retomados e aprofundados pela ONU após a Segunda Guerra Mundial (sem falar do universalismo da própria criação da ONU e seus organismos, ou do sentido supranacional do projeto da unificação da Europa após 1992).

Também não é possível falar do colonialismo de países pobres para "divulgar as luzes da civilização",¹⁶ ou da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, sem ter em mente o Iluminismo e a Revolução Francesa. O início das alianças guerreiras de nações (característica das duas guerras) pode ser situado na guerra da França com os Habsburgo e a Prússia, no reinado de Luís XVI ou nos conflitos dos príncipes estrangeiros, incluindo a Inglaterra, contra a Revolução Francesa. Começando pelo governo de Napoleão, foram 7 coligações contra a França, a partir de 1789.¹⁷ Seria possível incluir nesse balanço o antimodernismo de alguns papas, contrários aos "tempos modernos" de um Vaticano II.

Nós mesmos, brasileiros, também comemoramos neste ano os 200 anos da Inconfidência Mineira¹⁸ e podemos alinhar uma série de movimentos "iluministas" pela Independência, como a Revolta dos Alfaiates (1798), as duas revoluções republicanas de Pernambuco (1817 e 1824), a Guerra dos Farrapos (1835/45) e a própria República, cujo centenário festejamos. O lado mais atrasado da Revolução Francesa, o girondino, integrou o esquema constitucional do nosso Império e pode, hoje, ser comparado à nossa grande imprensa, com sua visão extremamente limitada da democracia, sempre atenta à "ordem" que ela não controla.

Outra grande influência da Revolução Francesa no futuro está justamente neste aspecto: como os diversos grupos políticos se dispunham diante das nações. Na Assembleia Constituinte e na Convenção Nacional, os jacobinos se colocavam como um grupo de idéias radicais, representando os interesses da burguesia progressista e dos intelectuais. Os jacobinos opunham-se aos girondinos, grupo político moderado. Já os *cordeliers* (franciscanos), liderados por Dan-



ton, eram ainda mais radicais que os jacobinos. Foi nessa situação que surgiram os rótulos políticos de farto uso no mundo contemporâneo: *esquerda*, associado a elementos revolucionários ou reformistas, e *direita*, aos políticos conservadores.

A Revolução Francesa deixaria à vista um quadro bem claro do que acontece numa revolução, onde quem faz nem sempre leva; os regimes de exceção, com seu terror; o desajuste dos legisladores em relação à demanda da população. E em todas as revoluções burguesas e antiburguesas a Igreja também provaria seus golpes.

Guilhotina para os amigos

Um aspecto trágico do governo jacobino, que acomete muitas revoluções, foi o da autofagia. Ou seja, o surgimento de circunstâncias que levam a suprimir os aliados de idéias. O governo jacobino, por exemplo, tinha uma fraqueza: re-

partir o poder com elementos da esquerda e da direita, o chamado "governo de composição" (como vimos na Nova República, entre PMDB e PFL). Robespierre foi obrigado, aos poucos, a atacar seus aliados da esquerda, cada vez mais sectários e incontroláveis, mandando prender Jacques-René Hébert e Jacques Roux, que acabaram executados. Os *sans-culottes* foram atingidos frontalmente nas suas lideranças. Depois, o governo acabou atingindo os que tinham posições próximas da direita moderada, como Danton, que, ao caminhar para a guilhotina, profetizou Robespierre: "Tu me seguirás em breve!"¹⁹ A burguesia, de fato, contrariada pela falta de liberdade para especular, conspirava (já naquele tempo!...) Robespierre apelou aos *sans-culottes* contra ela, mas com seus líderes mortos eles não responderam, acusando-o de ditador. Robespierre tentou falar na Convenção Nacional; seus inimigos, no entanto, manipulando inclusive o sentimento do povo, não o deixaram. A situação se voltou contra ele, que

acabou na guilhotina. Esse episódio, conhecido como o "golpe do Termidor", assinalou o fim da ditadura jacobina.

Com a criação do Diretório, o governo dos grandes burgueses que sucedeu aos jacobinos, proibiu-se a execução da *Marselhesa*, canção revolucionária, a qual mais tarde se tornaria o hino nacional francês. Outra medida tomada foi não dar trégua ao que restou de jacobinos como Gracchus Babeuf, que buscava restabelecer um governo popular e acabou guilhotinado em 1796. Um ano antes o Diretório sufocara uma conspiração monarquista, apresentando em seguida uma nova Constituição, mais retrógrada, com voto censitário.

Em 10 de novembro de 1799, através de golpe que ficou conhecido como 18 Brumário, Napoleão Bonaparte dissolveu o Diretório e assumiu o poder. Primeiro ele instalou o Consulado, depois o Império, convocando plebiscito para referendar sua Constituição. Editou mais tarde o famoso Código Napoleão, o primeiro Código Civil, fundamental para toda a legislação burguesa moderna, inclusive a nossa, expandindo os ideais da burguesia pela Europa e pelo mundo.

A Revolução Francesa mudaria o mundo. A unificação da Itália e da Alemanha, como se mostrou atrás, nasceria dela; serviria de modelo, entre outras revoluções, para a Proclamação da República portuguesa, em 1910.²⁰ O marxismo, o socialismo, o anarquismo e o próprio liberalismo (de origem inglesa) tinham uma fonte comum, de águas abundantes, para beber.

Choque com a Igreja

Alvo já na Inglaterra por volta de 1500, a Igreja foi objeto particular da ação do Estado também na Revolução Francesa. É que o clero, embora gozasse de privilégios, sofreu constrangimentos²¹ quando teve suas terras desapropriadas e os religiosos foram submetidos à escolha dos eleitores.

Durante a Revolução Francesa, apesar do mal-estar que se instalou no país

por conta de um projeto de galicismo semelhante ao anglicismo, que criou a Igreja Anglicana na Inglaterra, estabeleceu-se alguma indenização aos religiosos regulares e estatuto financeiro para os seculares. Um decreto de novembro de 1790 obrigava os religiosos a jurarem fidelidade à nação, à lei, ao rei e à Constituição que seria promulgada no ano seguinte.

No início, alguns bispos e metade do baixo clero aceitaram essa ajuda. Mas, aos poucos, foram reagindo contra, inclusive o papa. O clima era de confusão, porque — ainda que na cidade se aceitasse — a população rural não admitia a substituição dos seus curas. A situação piorou quando a Assembléia Constituinte, em 7 de maio de 1791, decretou a tolerância religiosa, autorizando os não-ajuramentados a realizarem o culto nos edifícios públicos.

O tumulto de opiniões entre os defensores dos padres patriotas (os que juraram) e os refratários era freqüente na

porta das igrejas. Os religiosos continuariam resistindo até que, em 26 de agosto de 1792, uma resolução oficial condenou os refratários à deportação. Muitos religiosos refratários morreram na guilhotina. Surgiu a revolta camponesa da Vendéia.

Era muita confusão sobre a Igreja na França, até então confortavelmente instalada no poder. Para piorar ainda mais esse estado de coisas, alguns radicais, entre os quais Robespierre, tentaram um processo de descristianização, a fim de conciliar a crença religiosa com a razão. Eles acreditavam que a crença num "Ser Supremo" seria útil à Revolução e não um obstáculo a ela. No entanto, como a Revolução Francesa foi acidentalmente anti-religiosa,²² essa filosofia nada tinha de prático. O poder da religião vai-se restabelecer nos espíritos, mais forte, desembaraçado dos privilégios do antigo regime. A opinião é do historiador e cristão famoso Alexis Tocqueville.²³ A história mostrará que ela tinha razão.

Notas:

1. A Derrota do Pensamento, Alain Finkielkaut. Paz e Terra, São Paulo, 1988, p. 78.
2. O Direito e a Ascensão do Capitalismo, Michael E. Tigar e Madeleine R. Levy. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978, p. 20.
3. As Origens da Burguesia, Régine Pernoud. Publicações Europa-América, col. Saber, Lisboa, 1949, p. 16.
4. Idem, p. 19.
5. A Revolução Francesa, Paul Nicolle. Publicações Europa-América, col. Saber, Lisboa, 1975, p. 34.
6. História Moderna e Contemporânea, vol. 2, Leonel Itaussu A. Mello e Luis César Amad Costa. Editora Scipione, São Paulo, 1986, p. 111.
7. História da Sociedade Brasileira, Francisco Alencar, Lúcia Carpi e Marcus Venício Ribeiro. Ao Livro Técnico S.A., Rio de Janeiro, 1980, pp. 92 e 116.
8. História Moderna e Contemporânea. Obra citada, p. 111.
9. Evolução das Idéias Sociais, Antônio Jordão Netto. McGraw-Hill, São Paulo, 1988, p. 41.
10. História Moderna e Contemporânea. Obra citada, p. 113.
11. Idem, p. 113.
12. História Geral, Antônio Pedro e Flórida Cáceres, Série Sinopse. Editora Moderna, São Paulo, 1978, p. 220.
13. Idem, p. 220.
14. Idem, p. 221.
15. Marx — Um Século de Pensamento Político — 1883-1983, David McLellan. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983, p. 39.
16. A Derrota do Pensamento. Obra citada, p. 76.
17. História Moderna e Contemporânea. Obra citada, pp. 117 a 131.
18. Revista Sala de Aula, "1789-1989, Revolução Francesa/Inconfidência Mineira — Liberté, Uai!". Fundação Victor Civita, n.º 10, abril de 1989.
19. A Revolução Francesa — A Queda da Bastilha ao 9 do Termidor, Joaquim Felizardo. Ed. L&PM, Porto Alegre, 1985, p. 81.
20. O Poder e o Povo: a Revolução de 1910, Vasco Pulido Valente. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1974.
21. Idem, pp. 46 e 191.
22. A Revolução Francesa, Paul Nicolle. Obra citada, p. 33.
23. Idem, p. 34.

Meios de Comunicação de Massa na perspectiva de uma visão pessoal mais adulta

Danilo Vieiro

Entendemos o procedimento pelo qual grupos de especialistas servem-se de invenções técnico-eletrônicas (imprensa, rádio, TV etc.) para difundir um conteúdo simbólico num vasto público heterogêneo e geograficamente disperso. Todavia, estes instrumentos técnicos não podem ser confundidos com o processo de comunicação propriamente dito. Comunicação de Massa não é sinônimo de comunicação por intermédio de técnicas modernas. Embora a tecnologia seja essencial para o seu processamento, sua presença nem sempre significa Comunicação de Massa. Exemplo: Circuito fechado de TV, um filme doméstico sobre férias escolares. Mas um filme de Hollywood é Comunicação de Massa.

O que distingue a Comunicação de Massa? São diferenças no: emissor e no receptor.

Características do receptor:

Grande número de pessoas (usa-se meio eletrônico mecânico que emite a voz, grava imagem para ser reproduzida) dispersa geograficamente, anonimamente; heterogêneas (classes sociais), não possui agrupação social, não há "feed back" (retorno).

A diferença entre multidão e massa: Multidão não é constituída intencionalmente sobre um fato. Possui contato físico, pode vir a ter organização social. Massa — alguma preocupação de unidade, cultural e economicamente menos distanciados.



Características do emissor:

Distância muito grande entre emissor e receptor. Comporta-se como uma organização complexa, onde há divisão de trabalho e especialização de funções. Silvio Santos é emissor de um programa. A feitura desse se dá através de uma indústria com característica de grande empresa.

a) **Os meios de Comunicação de Massa:** abiscoitam os pequenos mercados (editor de revistas de fotonovelas não espera que todo mundo compre sua revista) como fazem os fabricantes e varejistas. O fabricante de jeans não espera que todo brasileiro use jeans. Cada um tem idéia clara do possível comprador, de

acordo como ele aperfeiçoa o produto etc...

b) **Democratização do conteúdo:** Os meios de Comunicação de Massa passam a buscar o pequeno público. Procuram atingir o ponto central. Visam interesse comum de fatos, interesses e capacidades de um público de classe para um público de massa e ajustar seu conteúdo à mudança. Exemplo: Editora Nova Cultural (Gênios da Pintura), livros — quanto mais produz, mais consumo, mais barateamento e, quanto maior o consumo, barateia o custo e a produção aumenta.

c) **Padronização do conteúdo — e da técnica dos meios de Comunicação de Massa:** — Jornais de todo

o país são mais ou menos parecidos (na forma, apreciação geral, no modo como conseguem as notícias, na maneira como escrevem e apresentam a notícia. Ênfase em relação aos acontecimentos nacionais e internacionais. Os programas de TV, os mais interessantes caracterizam-se pela semelhança básica do que pela variedade.

d) **Exposição dos meios de Comunicação de Massa:** Na medida em que se democratizou o conteúdo e os progressos tecnológicos, facilitou-se a produção rápida, registrou-se um aumento no emprego dos meios de Comunicação de Massa. Hoje em dia, o indivíduo passa mais tempo exposto aos meios de Comunicação de Massas do que em outra coisa — exceto trabalho e sono. Crianças e jovens passam mais tempo diante da TV do que nas salas de aula. Os jornais e revistas, TV, vídeo-cassete penetram profundamente na população. Assim, a indústria aproveita-se para, via TV, rádio, imprensa, lançar geladeiras, fogões, roupas, detergentes, eletrodomésticos, criando necessidades.

Esquema:

Os meios de Comunicação de Massa tornam-se a cada dia mais eficientes. Colocam o homem a par de tudo o que acontece no mundo, cria fantasias, exploram, divertem, servindo-se de todos os meios disponíveis para alcançar a audiência, leitores e compradores potenciais dos produtos que anunciam.

DIVISÃO DE TRABALHO E ESPECIALIZAÇÃO DE FUNÇÕES

Como qualquer indústria, os meios de Comunicação de Massa, para serem eficientes, pregam e utilizam as técnicas de divisão de trabalho e especialização de funções. Antigamente um só indivíduo colhia notícias, redigia-as, tratava de assuntos comerciais, atendia fregueses. Hoje os meios de Comunicação de Massa — jornais, revistas, rádios,

TV, cinema — são verdadeiros conglomerados econômicos, industriais cujo objetivo é transformar o mundo em uma aldeia global, massificando tudo diante dos objetivos de campo, às vezes socio-culturais e sobretudo voltado para o "Marketing" e "Merchandising".

EMBUTIDA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA, A NATUREZA DA MENSAGEM É

Pública:

Não é dirigida a ninguém em particular, mas a todos sem distinção de nível ou classe social.

Rápida:

Pois os acontecimentos são resultados da hora, para serem consumidos no momento, aqui e agora, descartáveis; ao contrário de uma obra de arte, que é permanente e pode ser estudada e examinada a longo prazo.

Transitória e Percível:

Logo depois do acontecimento, a mensagem perde interesse para ser analisada, perde audiência. Por

exemplo, sobre a garagem sob as praças, Copa do Mundo, desastre de trem, ninguém mais fala. As notícias após lançamento ficam velhas.

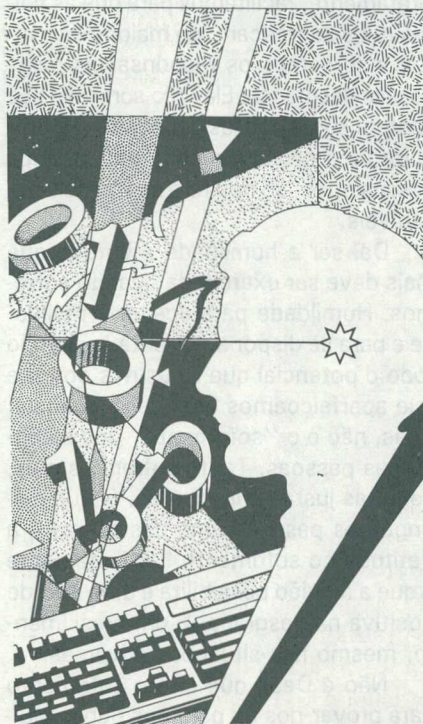
Unilateral:

Não tem "feed back"; é tratada através de pesquisas de opinião pública (que programa vê etc.). Aqui reside o grande poder de persuasão dos meios de Comunicação de Massa. A mensagem ou comunicação conduzida, levada apenas em um sentido, não permite crítica, esclarecimento naquele instante. Chega, in forma, agrada ou agride, não permitindo retorno. Apenas é recebida, as mais das vezes passivamente. Envolve o ouvinte, o leitor. A não ser que esses desliguem o aparelho, ou fechem o periódico, a revista, alguma coisa lhes estará acontecendo e, então, adeus espírito crítico consciente.

Frente a este grance e poderoso instrumental dos meios de Comunicação de Massa uma reflexão não deixa de ser interessante. É bom pensarmos e analisarmos a imprensa escrita, falada e televisada ou outros meios, isentos do ar de intelectuais que nos impingimos calcado em meia dúzia de palavras aprendidas sem lhes sabermos o significado profundo e original, às vezes fruto de uma vivência e do orosa experiência.

Antes de atacar, condenar ou tudo analisar na perspectiva da alienação, é importante estudar e entender a realidade, isentando-a desta ou daquela linha ideológica por que vem conduzida. Isso implica em um itinerário mais adulto, deixando que o subjetivismo ou o emocional sejam substituídos pelo racional, único caminho do processo que resultará em "feed back" ou em postura mais adulta frente à "aldeia global", resultado dos meios de comunicação social.

(Danilo Vieiro é bacharel em direção de rádio e televisão pela Universidade de São Paulo e mestre em comunicações)



POR QUE COMIGO?

Myrian Vallias de Oliveira Lima

— Por que isto aconteceu? Por que comigo?

Estas perguntas são formuladas por toda pessoa ao atravessar os intrincados compartimentos da dor. Ao perder um ente querido. Ao ser acometida por uma doença grave. Ao ficar desempregada. Ao ter um revés econômico. Ao ter um filho problemático. Ao ver sofrer uma pessoa que lhe é muito significativa...

Juntamente vêm os sentimentos de revolta, ódio, ressentimento, inveja, culpa ou autopiedade. Paralelamente passa-se a questionar a justiça de Deus e sua bondade.

— Por que Deus castiga seus filhos de maneira tão impiedosa?

Deus não existe, porque se existisse não permitiria que isto acontecesse. Minha fé foi vã!

Que eu fiz para Deus me punir desta forma? Terei de expiar aqui na terra os meus pecados?

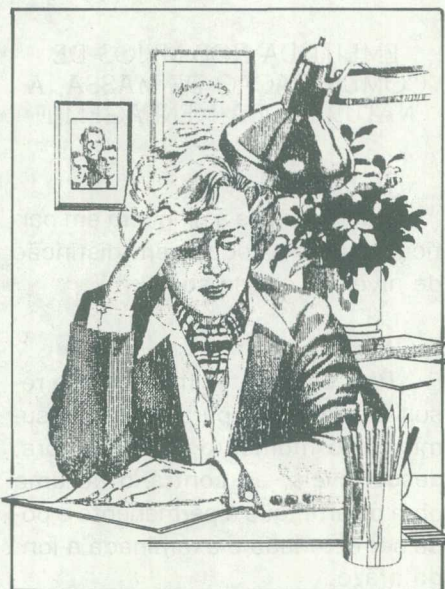
— Por que Deus me enviou esta provação? Que tenho de lhe mostrar? Que sou mais forte do que os outros? Ou será que ele tem razões que eu desconheço? Quais são os seus desígnios?

Tudo bem se isto acontecesse comigo. Mas com um ser inocente?

— E Deus surge como o ser onipotente ou justiceiro. O dono da tragédia e do sofrimento. O pai que não só nos pune quando o desobedecemos, mas aquele que sempre deveria nos livrar de todo o mal.

Para acalmar a sua dor, ou para entender o sofrer de inocentes e justos, as pessoas muitas vezes se debatem loucamente à procura de uma causa que a justifique... Até mesmo cristãos são tentados a recorrer, dentre outras, a explicações espíritas. E quando o melhor aliado seria a religião, esta fica combalida.

Principalmente em nossos dias, quando os controles são cada vez mais precisos, sentimos necessidade de uma explicação lógica para tudo. Ficamos desorientados pois, quando não a encon-



tramos e, simplesmente, temos de admitir que o fato existe. Este sim, é real. Perdemos quem amamos ou ficamos seriamente doentes sem saber porquê. Se por um lado algumas vezes, direta ou indiretamente, facilitamos para que as coisas ruins aconteçam, na maioria das vezes, não somos os responsáveis pelas nossas desgraças. Elas tão somente "se abatem sobre nossas cabeças"... E procurar uma causa em nós mesmos, nos nossos erros, só nos fará sentir mais miseráveis.

Dáí ser a humildade a virtude que mais deve ser exercitada quando sofremos. Humildade para aceitar a realidade e para se dispor a enfrentá-la usando todo o potencial que Deus nos dotou e que aperfeiçoamos em nossa vivência. Aliás, não é o "sofrimento" que distingue as pessoas. Tanto sofrem as más, como as justas e inocentes. O que distingue as pessoas uma das outras é a "atitude no sofrimento". E justamente o que a religião possibilita é uma atitude positiva na desgraça. É um crescimento, mesmo nas situações adversas.

Não é Deus que cria o sofrimento para provar-nos ou para nos punir. Mui-

to menos utilizaria do prejuízo da vida de alguém, para tocar a sensibilidade de outrem. Deus é aquele que fica ao nosso lado, quando enfrentamos os sofrimentos deste mundo. Não só fazendo com que aceitemos a vida com suas imperfeições... Mas com que nos aceitemos e ao próximo com os nossos limites. Fortifica-nos. Dá-nos coragem e esperança. É por isto que os salmistas recomendam ou exaltam:

"Descarrega sobre o Senhor os teus cuidados e ele te sustentará e não permitirá que vacile..." (Sl 54,23)

"O Senhor é o firme apoio dos que o temem..." (Sl 23,14)

"Porque tu és a minha rocha e fortaleza, o meu refúgio, e por causa do teu nome me conduzirá e me sustentará..." (Sl 30,4).

Deus, quando sofremos, provavelmente se entristece com nossa dor. É empático ao nosso sofrer. E, principalmente quando esta for provocada por outra pessoa, deve ficar mais triste ainda. Por ver o mau uso do livre arbítrio que ele nos concedeu, o mau uso de nossa liberdade. Sofre com as imperfeições de sua criação, que ele fez "para a incorruptibilidade e fê-la à imagem de sua própria natureza" (Sab 2,23).

Não é Deus que manda o sofrimento. Mas é Deus que nos ajuda a dar um sentido positivo à nossa desgraça. É ele que nos dá força para enfrentarmos as adversidades. Que nos permite entoar, como Davi (Sl 55,3-5):

"Pisaram-me os meus inimigos todo o dia; porque são muitos os que pelem contra mim. Estou temendo desde que desponta o dia; mas em ti esperarei. Em Deus louvarei as palavras que me dirigiu; espero em Deus, não temerei o que a carne me possa fazer."

ALMOÇO MAIS SOFISTICADO

ENTRADA: Sopa creme de chuchu

Rendimento: 4 porções

Ingredientes:

1/2 kg de chuchu cortado em cubinhos,
3 tabletes de caldo de carne dissolvidos em
1^{1/2} litro de água fervente, 3 colheres (sopa)
de manteiga (ou margarina),
4 colheres (sopa) de maisena, 1 colher (sopa)
de vinagre, 3 colheres (sopa) de queijo ralado,
2 colheres (sopa) de cebolinha picada,
200 g de toucinho defumado, picadinho.

1. Leve ao fogo o chuchu juntamente com o caldo de carne dissolvido.
2. Depois de cozido, reserve 1 xícara (chá) e bata o restante no liquidificador, juntamente com o caldo.
3. À parte, aqueça a manteiga, polvilhe com a maisena e deixe tostar, mexendo sem parar.
4. Coloque a maisena tostada no liquidificador junto com o chuchu e bata novamente.
5. Leve de volta ao fogo durante 5 minutos.
6. Adicione o chuchu reservado, o vinagre, o queijo e a cebolinha.
7. À parte, frite bem o toucinho, retire os torresmos com uma escumadeira e espalhe sobre a sopa.
8. Sirva bem quente.

PRATO PRINCIPAL: Strognoff de camarão

Rendimento: 4 a 5 porções

Ingredientes:

1 kg de camarões, 1 latinha de cogumelos,
200 g de margarina, 2 cebolas raladas, 2
colheres (sopa) de vinho branco seco, 1
dente de alho socado, algumas gotas de
molho inglês, 1 copo de creme de leite,
1 colherinha (café) de catchup, 6 colheres
(sopa) de água, 1 colher (sopa) de farinha de
trigo, sal, pimenta-do-reino.

1. Limpe os camarões e refogue-os com sal e 100 g de margarina. Quando estiverem cozidos, tire-os da panela e reserve-os.
2. Ponha mais 100 g de margarina na panela, a cebola, o alho e deixe dourar. Acrescente os cogumelos e deixe corar por um instante.
3. Misture a água, o vinho, dissolva a farinha na mistura e despeje na panela, mexendo bem até encorpar.
4. Acrescente o molho inglês, catchup, salsa picadinha e camarões.
5. Deixe ferver, junte o creme de leite e abaixe o fogo.
6. Quando estiver bem quente, tire e sirva, sem deixar ferver de novo.

ACOMPANHAMENTO: Batatas gratinadas

Rendimento: 3 porções

Ingredientes:

1/2 kg de batatas descascadas e cortadas em
rodela, 2 colheres (sopa) de manteiga,
1 colher (chá) de orégano (ou sálvia), óleo
para untar, 1 xícara (chá) de queijo parmesão
ralado, 1 xícara (chá) de queijo prato ralado,
1 colher (sopa) de farinha de trigo, 1/2 xícara
(chá) de leite, 1 lata de creme de leite, sal,
pimenta-do-reino, noz-moscada.

1. Afervente as rodela de batata em água e sal durante cerca de 5 minutos e escorra a água.
2. Derreta a manteiga numa panela à parte, misture o orégano e deixe reservado.
3. Unte com óleo uma forma refratária, cubra o fundo dela com as rodela de batatas, regue-as com parte da manteiga misturada com o orégano e polvilhe-as com uma mistura dos dois tipos de queijo.
4. Repita a operação nessa mesma ordem, formando várias camadas alternadas, usando o restante das batatas, da manteiga e dos queijos.
5. Desmanche a farinha de trigo no leite e acrescente o creme de leite.
6. Tempere a mistura com sal, pimenta e noz-moscada.
7. Espalhe essa mistura sobre as batatas e leve a forma ao forno quente (200° C) por, aproximadamente, 15 minutos.
8. Retire do forno, assim que estiver gratinado e sirva logo em seguida.

SOBREMESA: Pavê de chocolate

Rendimento: 5 a 6 porções

Ingredientes:

Biscoito diplomata, vinho do Porto, 200 g de
margarina, 150 g de açúcar, 3 gemas,
3 colheres (sopa) de chocolate em pó,
1 colher (sopa) de café, bem forte.

1. Bata a margarina com o açúcar até formar um creme esbranquiado. Acrescente ao creme as gemas e o chocolate.
2. Bata bem, junte o café e bata mais um pouco.
3. Forre uma forma com papel impermeável.
4. Forre a forma no fundo e nos lados com os biscoitos embebidos no vinho do Porto.
5. Ponha uma camada de creme, uma de biscoitos, outra de creme e assim por diante, até tudo terminar.
6. Leve ao refrigerador e deixe por algumas horas.
7. Depois que o pavê estiver consistente, desenforme-o, enfeite com creme, nozes, chantilly etc., conforme o gosto.

(Fontes de consulta: Cozinha rápida; 6 Capítulos de Garfo e Colher Anderson, Clayton.)

Dogmas e Sacramentos

Pe. Eugênio Pessato, cmf

A CATEQUESE DE SÃO TOMÁS DE AQUINO:

São Tomás não foi apenas um dos maiores gênios teológicos da Igreja mas, como Santo Agostinho, foi também excelente catequista. Suas obras catequéticas são sobre o Credo, o Pai Nosso, a Ave Maria, os dois preceitos da caridade e os Dez Mandamentos.

Pregava na língua do povo e, o que era ainda mais importante, com toda sua sabedoria teológica, falava de uma maneira simples, que todos o entendiam.

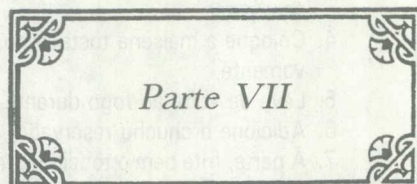
Na quaresma de 1273, na cidade de Nápoles (na Itália), aqueles que o escutavam “pareciam que estavam escutando a Deus”. Não sabia interpretar profundamente a sagrada Escritura, mas a sabia de cor.

Para São Tomás, o primeiro valor da Sagrada Escritura, como também os escritos dos primeiros padres da Igreja, era o da “autoridade”. Interessava-se da “verdade das coisas” e não tanto daquilo que pensavam os homens.

Conheçamos agora alguma coisa da catequese deste sábio teólogo.

Ele segue aquilo que Santo Agostinho havia dito: “Três são as coisas necessárias para a salvação do homem: saber aquilo que deve ser acreditado, aquilo que deve ser esperado e aquilo que deve ser feito. A primeira coisa se ensina com o Credo; a segunda, com a oração do Senhor (Pai-Nosso) e a terceira, com os mandamentos”.

O que estrutura o objeto da catequese de São Tomás, são as virtudes teológicas, aquelas que nós aprendemos de cor: FÉ, ESPERANÇA e CARIDADE, e não a ordem da “história da Salvação”, co-



mo fazem outros teólogos de sua época.

Para ele, a autêntica catequese não deve buscar antes de tudo a “informação”, mas a “formação” da vida teológica e cristã naqueles que crêem. Toda a vida cristã para ele se apóia nas virtudes teológicas: FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE, como um fundamento.

Em seus discursos sobre o Credo ele começa com uma exposição sobre a fé cristã. “A fé é causa de quatro bens: primeiro, por meio da fé a alma se une a Deus, pois com a fé a alma realiza um matrimônio com Deus — ‘esposarme-ei contigo’ (Oséias 2,21). Quando alguém é batizado, em primeiro lugar professa sua fé respondendo a pergunta: ‘Crês em Deus?’ porque o Batismo é o primeiro sacramento da fé... Em segundo lugar, com a fé começa em nós a vida eterna, pois a vida eterna não é outra coisa, senão conhecer a Deus: ‘Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único e verdadeiro Deus.’ Este conhecimento começa aqui por meio da fé, mas se aperfeiçoa na vida eterna, na qual haveremos de conhecê-lo tal como ele é”.

A catequese de São Tomás é também centralizada na pessoa de Jesus Cristo, concordando com a mais autêntica tradição bíblico-patristica. Ele coloca os sacramentos e os mandamentos relacionados com Jesus Cristo. Ressalta que ele é a cabeça do corpo que é a Igreja.

Para São Tomás, os sacramentos são algo muito mais do que um simples auxílio, aspecto que o Concílio de Trento colocará particularmente em relevo. Por meio deles, nós participamos da vida de Cristo, como nos mostra a renovação litúrgica que temos após o Concílio Vaticano II.

Conforme a orientação de São Tomás, o amor a Deus não é fundamentalmente o resultado de um mandamento especial, ou seja, de um mandamento imposto pelo dever, mas é antes de tudo o fruto de uma nova vida que recebemos no batismo.

Em consequência do grande movimento mariano do século XII, começou a entrar em todos os programas catequéticos também o comentário da Ave Maria. São Tomás a comenta só na sua primeira parte como era conhecida naquela época.

Como conclusão, podemos dizer que São Tomás, seguindo fielmente a tradição apostólico-patristica, realiza uma catequese abertamente cristocêntrica. Os sacramentos são explicados em função de Cristo. Os mandamentos são “toda a lei de Cristo”. A oração é aquela que Cristo ensinou.

Em sua catequese, ele leva em conta os elementos fundamentais da “mensagem”, em estreita relação com a “vida cristã”. A mensagem deve ser traduzida na vida; sua catequese sabe explicar as grandes verdades à vida concreta.

Para São Tomás, a moral cristã é a participação vital no “mistério de Cristo”, os mandamentos se reduzem ao amor, a oração nasce no amor, e a fé, que professamos no Credo, nos une a Deus num místico matrimônio de amor.

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical - Edições Paulinas

A ESCOLHA DO ÚLTIMO LUGAR

22.º domingo do tempo comum
03/09/89

1.ª leitura: *Eclo 3, 17-18. 20. 28-29*

Para entendermos este texto é necessário colocá-lo no contexto em que foi escrito. A comunidade de Israel, fascinada pelo helenismo, estava deixando de proceder de maneira querida por Iaweh. Assim, Ben Sirac (autor do livro *Eclo.*) é levado a exortar aos que possuem cargos importantes a proceder com sabedoria aos olhos de Iaweh. Esta sabedoria se dá na vivência da humildade e detestando o orgulho que nos leva para longe de Deus.



2.ª leitura: *Hb 12, 18-19. 22-24a*

A passagem move-se sobre dois pilares. O primeiro vv. 18-19 e o segundo vv. 22-24a. Opondo estes dois pilares percebemos a graça de pertencermos à nova aliança selada em Cristo Jesus. A primeira foi realizada por Moisés no Monte Sinai e a segunda por Jesus Cristo em Jerusalém. A primeira infundia terror, com circunstâncias externas de horror físico (vv. 18-20); a segunda está carregada de graça e acolhimento (v. 22s). A segunda nos revela que somos chamados para perto de Deus, em Jesus Cristo, que é o novo pacto. Nele, a Igreja, Jerusalém celeste, faz toda a humanidade participante da liturgia que se realiza na terra e se prolonga até a eternidade. Assim o cristão pode chegar diretamente a Deus, participar da alegria dos anjos e dos santos e obter a salvação pelo único mediador, Jesus.

Evangelho: *Lc 14, 1a. 7-4*

Esta parábola nos aponta dois momentos. O primeiro é onde se encontra Jesus (v. 1a) e, a estes, após uma breve observação ouvimos a pronúncia sobre a busca dos primeiros lugares (vv. 7-11). Estes versículos revelam que Jesus Cristo participa do diálogo que está acontecendo em volta da mesa, onde os presentes buscavam sempre o primeiro lugar. Assim, a palavra de Cristo é antes de tudo vivida por ele. O segundo momento reflete a radicalidade (vv. 12-13) e a promessa (v. 14). Esta radicalidade se realiza quando tornamos a nossa comunidade lugar de igualdade e fraternidade. Assim, seremos os bens-aventurados, pois não buscamos a recompensa neste mundo e sim no outro que há de vir.

Comentário:

A Igreja é comunidade de fiéis que se reúnem para celebrar os mistérios de Jesus. Esta celebração envolve toda a vida da pessoa. Por isso não se pode celebrar uma coisa e se viver outra. A fé em Cristo exige transfor-

mação e não acomodação. Esta transformação acontece na medida em que fazemos da palavra de Cristo nossa regra de vida. Assim, somos chamados a ser testemunhas do Evangelho num mundo onde a busca dos primeiros lugares fala mais alto. Não temos porquê desanimar frente às dificuldades, pois Cristo está conosco.

LEITURAS DA SEMANA: SETEMBRO, DIA 4, 2.ª-f.: lts 4, 13-17; Lc 4, 16-30. **DIA 5, 3.ª-f.:** lts 5, 1-6. 9-11; Lc 4, 31-37. **DIA 6, 4.ª-f.:** Cl 1, 1-8; Lc 4, 38-44. **DIA 7, 5.ª-f.:** Cl 1, 9-14; Lc 5, 1-11. **DIA 8, 6.ª-f.:** Rm 8, 28-30; Mt 1, 1-16. 18-23. **DIA 9, SÁBADO:** Cl 1, 21-23; Lc 6, 1-5.

OPTAR POR CRISTO E PELA VIDA

23.º domingo do tempo comum
10/09/89

1.ª leitura: *Sb 9, 13-18*

Nesta leitura encontramos uma série de perguntas, para nos convencer que, se não fôssemos ajudados por Deus, não poderíamos alcançar o conhecimento pleno da verdade e dos mistérios da vida. Disse que somos ajudados, ou seja, Deus aprimora o nosso conhecimento com as suas graças a fim de podermos conhecer com melhor justeza os seus desígnios. Estes desígnios foram se manifestando ao longo da história, até chegar a sua plenitude em Jesus Cristo. Em Jesus nós conhecemos qual é a vontade de Deus. Assim, iluminados pela sabedoria de Deus, podemos com maior solicitude orientar a nossa vida para ele.



2.ª leitura: *Fm 9b-1a. 12-17*

Nesta carta a Filemon percebemos as exigências de ser cristão. Paulo não condena a escravidão, ou seja, contra o sistema. Mas mostra que entre os cristãos não pode haver senhor e servos. Pois, existe um só Senhor e um só rebanho. O cristão deve se assemelhar a Cristo em tudo, palavras e ações. Onésimo já não é mais escravo, mas, passa a ser irmão de Filemon. Esta pequena carta de Paulo pode ajudar-nos a aprofundar o sentido de nossa fraternidade e deve estimular-nos a combater novas formas de escravidão.

Evangelho: *Lc 14, 25-33*

As condições para seguir a Jesus vêm marcadas por palavras fortes (v. 26), que nos questionam e nos fazem, por muitas vezes, desanimar frente ao seguimento do Mestre. Note que Jesus disse: "Se alguém vem a mim" (v. 26), isto mostra que, a atitude é livre e a pessoa faz a opção. Devemos ter presente que Lucas escreve na qualidade de conhecedor das lutas internas das comunidades, as perseguições dos judeus, e já estava próximo da perseguição romana. Assim, podemos

entender o porquê dessas exigências tão duras. Aqui não se trata de abraçar a renúncia por ela mesma, mas sim, porque essa atitude nos liberta para servir melhor a nosso mestre Cristo Jesus.

Comentário:

Quando Jesus de Nazaré veio ao mundo mostrou a todos a necessidade da renúncia. Fez-se homem para salvação dos homens. Ora, nós somos chamados a ser outro Cristo, ou seja, nos configurar a ele pela nossa vida cotidiana. Decorre, portanto, que devemos renunciar para amar. A renúncia nos faz livres e nesta liberdade amamos e servimos a Cristo e, se preciso for, daremos a vida por ele. Ser cristão é ser comprometido com Cristo, na palavra e na ação. Não podemos ler a palavra de Deus e continuarmos os mesmos. As leituras de hoje chamam-nos para uma decisão. Ou estamos com Cristo, seguindo os seus passos, ou estamos denegando a sua presença em nossa sociedade pela falta de sinceridade à palavra de Deus. Assim, irmãos, em Cristo Jesus, lembremo-nos que Deus nos ama e nos chama e a resposta é nossa.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 11, 2ª-f.: Cl 1,24-2,3; Lc 6,6-11 DIA 12, 3ª-f.: Cl 2,6-15; Lc 6,12-19 DIA 13 4ª-f.: Cl 3,1-11; Lc 6,20-26. DIA 14, 5ª-f.: Fl 2,6-11; Jo 3,13-17. DIA 15, 6ª-f.: Hb 5,7-9; Lc 2,33-35. DIA 16, SÁBADO: 1Tm 1,15-17; Lc 6,43-49.

PERDOADOS PARA PERDOAR

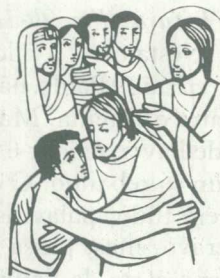
24.º domingo do tempo comum
17/09/89

1ª leitura: Ex 32,7-11.13-14

Esta leitura reflete a infidelidade do povo e a paciência de Deus. Infidelidade que se manifesta na adoração do bezerro (v. 8). O povo se esquece da aliança feita com Deus e passa a adorar um ídolo feito pelas mãos dos homens. Percebemos no texto que Deus quer abandonar o seu povo devido à infidelidade. Assim, Moisés é levado a interceder pelo povo lembrando a Deus a promessa feita aos patriarcas (v. 13) e Iaweh desiste de sua intensão. Nisto se revela a misericórdia e o amor de Deus, pois, embora o homem seja infiel Deus continuará sempre fiel.

2ª leitura: 1 Tm 1,12-17

A liturgia inaugura hoje a leitura das cartas de São Paulo a Timóteo. Nesse texto Paulo usa mais uma vez a apologia pessoal (vv. 12-17). Mas, enquanto os heréticos elaboram belas doutrinas intelectualistas sobre a salvação, ele prefere anunciar que, pecador como é, foi



salvo pela bondade de Deus (v. 16). Quer significar com isso que um ministro do Evangelho deve ter uma experiência pessoal da graça que proclama, sem o que sua mensagem não conseguirá atingir os objetivos desejados, a saber: a conversão do pecador.

Evangelho: Lc 15,15-32

O conjunto do capítulo 15 de Lucas é formado por três parábolas que refletem a misericórdia de Deus. Logo nos primeiros versículos encontramos os receptores da parábola: publicanos e pecadores, fariseus e escribas (v. 2). Assim, Jesus ressalta que para Deus o que importa é o arrependimento e a reconciliação. Também deixa claro que o amor de Deus é maior que qualquer pecado. Assim as motivações do filho mais novo não são particularmente puras: a conversão nele só se esboça sob a pressão de necessidades vitais, o que pelo menos tem a vantagem de valorizar a grandeza e a gratuidade do perdão paterno!

Comentário:

A liturgia deste domingo apresenta palavras de acolhimento, perdão, misericórdia, amor de Deus para com seu povo. É bom sentirmo-nos amados por Deus e na verdade ele nos ama e sai ao nosso encontro. Mas o amor de Deus, em nós, deve se manifestar no amor ao próximo. Assim como Deus age em nós, devemos nós também agir com o nosso irmão. Não devemos fechar o amor de Deus a sete chaves, mas, manifestá-lo ao mundo. O cristão deve ser uma pessoa que ama e compreende o outro. Esta compreensão e este amor vêm da escuta da palavra de Deus, que transforma a sua maneira de agir e pensar.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 18, 2ª-f.: 1Tm 2,1-8; Lc 7,1-10 DIA 19, 3ª-f.: 1Tm 3,1-13; Lc 7,11-17 DIA 20 4ª-f.: Rm 8,31-39; Lc 9,23-26. DIA 21, 5ª-f.: Ef 4,1-7.11-13; Mt 9,9-13. DIA 22, 6ª-f.: 1Tm 6,2-12; Lc 8,1-3. DIA 23, SÁBADO: 1Tm 6,13-16; Lc 8,4-15.

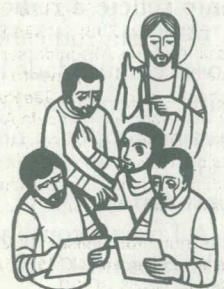
A RIQUEZA PARA CONSTRUIR A FRATERNIDADE

25.º domingo do tempo comum
24/09/89

1ª leitura: Am 8,4-7

As proclamações de Amós contra as injustiças dos ricos são particularmente numerosas (Am 5,7-13; 8,4-7; 5,11-27). São termos precisos que ele usa para designar a exploração feita ao pobre: “diminuindo a medida”, “aumentando o preço”, falseando a balança, fraudando.

Mas nós percebemos que o Senhor não tolera a injusti-



ça e não esquecerá nenhum dos atos realizados pelo homem.

2ª leitura: *I Tm 2, 1-8*

Paulo escreve a Timóteo falando do problema da organização da liturgia e da comunidade cristã. O indicativo de prece, súplica, ações de graça por todos os homens (v. 1) reflete a organização litúrgica que deve depois culminar para que os cristãos tenham uma vida calma e tranqüila, com honestidade (v. 2). Com isto percebemos a necessidade de integrarmos fé e vida, ou seja, celebrar e viver o que celebramos na vida cotidiana.

Evangelho: *Lc 16, 1-13*

Esta parábola levanta muitos problemas. As palavras de Cristo retomadas neste texto realmente foram pronunciadas, mas, num contexto que devia esclarecê-las. Como este se perdeu, várias tentativas de explicação surgiram no seio da comunidade primitiva. O uso das riquezas injustas, como é evidente, era motivo de preocupação. A atitude de Lucas e, provavelmente, a de muitos cristãos primitivos, era que o dinheiro, de algum modo, e quase sempre era manchado de maldade, e que por isso mesmo os cristãos necessitavam de conselhos quanto ao seu uso, por poder transformar-se em poderoso elemento corruptor.

Comentário:

A liturgia de hoje nos chama a atenção quanto ao uso das riquezas. A busca desenfreada por bens materiais leva o homem a se esquecer de Deus. O esquecimento se dá através dos meios que este irá utilizar para adquirir estes bens. Meios estes que se parecem com os proferidos pelo profeta (1ª leitura). Jesus louva a forma como o administrador passa a se utilizar dos bens. Com isto nós cristãos devemos aprender com Cristo a maneira melhor de utilizarmos os nossos bens. Não podemos casar a exploração e o egoísmo com a palavra de Deus, pois, estes, aí não tem lugar. A riqueza deve ser utilizada para criar fraternidade entre os homens e não para gerar a exploração e a morte de muitos irmãos nossos. O cristão quando é consciente de sua fé sabe a melhor maneira de conduzir os seus negócios.

Paulo Sérgio Figueiras

LEITURAS DA SEMANA: DIA 25, 2ª-f.: Esd 1.1-6; Lc 8,16-18. DIA 26, 3ª-f.: Esd 6,7-8.12b.14-20; Lc 8,19-21. DIA 27 4ª-f.: Esd 9,5-9; Lc 9,1-6. DIA 28, 5ª-f.: Ag 1,1-8; Lc 9,7-9. DIA 29, 6ª-f.: Dn 9,9-10.13-14; Jo 1,47-51. DIA 30, SÁBADO: Zc 2,5-9.14-15a; Lc 9,43-45.

AM Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 22. 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67 e na DCDP do DFP, sob n.º 1.99. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barbosa e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat, Antônio Maurício Rocha Lima

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista *Ave Maria* — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: NCZ\$ 1,50; assinatura nova e renovação: NCZ\$ 15,00; assinatura de benfeitor: NCZ\$ 30,00

PRECE

“Senhor! Eu sou o único ser na Terra a quem tu deste uma parcela da tua onipotência: o poder de condenar ou de absolver meus semelhantes.

Diante de mim as pessoas se inclinam; à minha voz acorrem, à minha palavra obedecem, ao meu mandado se entregam, ao meu gesto se unem, ou se separam, ou se despojam. Ao meu aceno as portas das prisões se fecham às costas do condenado ou se lhe abrem, um dia, para a liberdade. O meu veredicto pode transformar a pobreza em abundância e a riqueza, em miséria. Da minha decisão depende o destino de muitas vidas. Sábios e ignorantes, ricos e pobres, homens e mulheres, os nascituros, as crianças, os jovens, os loucos e os moribundos, todos estão sujeitos desde o nascimento até a morte à Lei, que eu apresento, e à Justiça, que eu simbolizo.

Quão pesado e terrível é o fardo que puseste nos meus ombros! Ajuda-me, Senhor!

(...)

Quando me atormentar a dúvida, ilumina o meu espírito; quando eu vacilar, alenta a minha alma; quando eu esmorecer, conforta-me; quando eu tropeçar, ampara-me.

E quando um dia, finalmente, eu sucumbir e já, então, como réu comparecer à tua augusta presença para o último juízo, olha compassivo para mim. Dita, Senhor, a tua sentença.

Julga-me como um Deus.

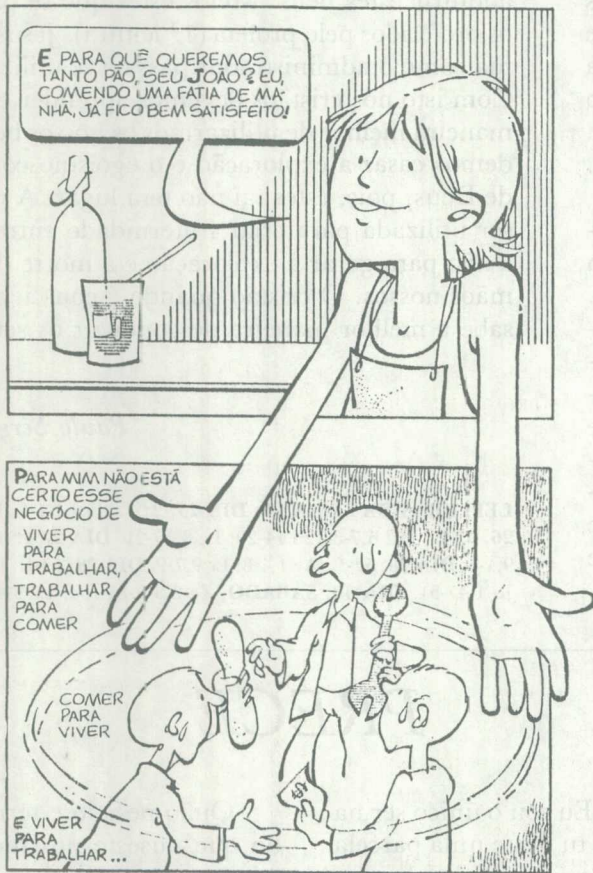
Eu julguei como homem.

É o que tinha a dizer. Obrigada.”

Trecho da prece escrita por João Alfredo Medeiros Vieira, juiz de Direito do Estado de Santa Catarina.

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)



SLOLYN



ARTES ROGERIO
Comunicação Visual

PROGRAME SUAS FÉRIAS, SEUS FERIADOS CONOSCO

- **PEREGRINAÇÃO GENESIS**
Saída: 20/09/89
Visitando:
EGITO - TERRA SANTA - GRÉCIA
ITÁLIA - (24 dias de viagem)
Parte aérea - US\$ 2.209,00
Parte terrestre - US\$ 1.507,00
- **EXCURSÕES INTERNACIONAIS:**
CUBA - 10 dias, meia pensão
Parte aérea - US\$ 625,00
Parte terrestre - US\$ 130,00
BUENOS AIRES E BARILOCHE - 08 dias
Parte terrestre a partir de US\$ 255,00
- **EXCURSÕES NACIONAIS - AÉREAS:**
FOZ DO IGUAÇU - 04 dias
A partir de NCz\$ 465,00
MACEIÓ
05 dias - A partir de NCz\$ 642,00
08 dias - A partir de NCz\$ 666,00
FORTALEZA/RECIFE/MACEIÓ - 10 dias
A partir de NCz\$ 1.017,00
MANAUS - 05 dias
A partir de NCz\$ 1.065,00
- **EXCURSÕES NACIONAIS - RODOVIÁRIAS:**
SUL DO BRASIL - 10 dias
A partir de NCz\$ 570,00
Saídas semanais -
Preços de junho de 89
- **CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL - SEUL - OUTUBRO DE 1989**
Solicite folheto, enviando o recorte abaixo:

GENESIS Turismo

Av. São Luiz, 50 - 5º andar
Cj. 52-E - CEP 01046 - SP
Fone.: (011) 257-9511 - Telex (011) 38370
Embratur 06933-00-41-1

Nome

Endereço

..... fone

Cidade

Estado.....CEP.....

O caso do marido imaginário

por Stephanie Abbot

Muitos casamentos que resistem a anos de alcoolismo ativo não conseguem sobreviver à sobriedade, porque depois que o alcoólatra pára de beber descobrem-se incompatibilidades que o beber havia mascarado. O cônjuge alcoólatra percebe que a nova personalidade do marido em nada se assemelha ao ideal imaginado. Assim, ela vê seu verdadeiro marido como se fosse um visitante passageiro, que logo será substituído pelo ideal imaginado. E continua vivendo uma vida sonhadora, da maneira que fazia quando o marido bebia.

Recentemente, por exemplo, uma cliente sentada na minha frente no consultório parecia quase eufórica quando começou a descrever sua vida com o marido. "É um pai maravilhoso e um ótimo marido, quando não está bêbado", disse ela. "As crianças o adoram e ele realmente me ouve é gentil e se preocupa comigo."

Mas aí ela passou a descrever os particulares da situação em sua família: seu marido raramente se encontrava em casa porque passava a maior parte do seu tempo livre nos bares. E quando estava em casa, geralmente estava dormindo. Ela se havia adaptado a este comportamento, tomando conta de todos os afazeres de que o marido não conseguia se desincumbir, inclusive todas as obrigações de um pai.

Ao terminar sua história de como estava convivendo com seu "maravilhoso" marido alcoólatra, ela se inclinou para frente e disse: "Eu o amo. Temos um bom relacionamento quando ele está sóbrio. Jamais poderia deixá-lo porque não quero viver sem marido".

Fiquei fascinada porque me dei conta, enquanto ela falava, que a mulher havia criado um marido que não existia. O que ela tinha, na realidade, era um alcoólatra extremamente doente, mas havia criado a ilusão — para si mesma e para os outros — de um ser humano que fun-

cionava. Na verdade, não havia marido algum nessa família. A mulher já vinha "vivendo sem marido" há muitos anos.

Toda vez que um membro de alguma família me diz que ama seu alcoólatra "quando está sóbrio", ou então que ama seu alcoólatra mas não consegue me dar uma única razão para explicar porquê, então eu sei que eles estão vivendo no Reino Mágico de suas imaginações.

O sistema pode se manter em equilíbrio por muito tempo — o bebedor na sua fantasia alcoólica e os outros membros da família nas suas próprias Disneylândias. Eles podem achar que a sobriedade resolverá todos os seus problemas. Mas a sobriedade — se vier — tem um efeito colateral inesperado: todos os sonhadores acordam!

Conversei recentemente com um marido zangado que havia marcado uma hora comigo para discutir o progresso pós-tratamento de sua esposa alcoólatra. Embora houvesse me contado antes que se ela pudesse apenas se manter sóbria não haveria problemas porque sempre se deram bem quando ela não bebia, agora ele me dizia: "A gente briga o tempo todo, ultimamente. E ela critica tudo que eu faço".

Para mim era uma história conhecida. Com frequência, os alcoólatras são supercharmosos durante seus curtos períodos de abstinência para "compensar" suas bebedeiras. Poderão não tomar parte ativa nas decisões da família, contentando-se em deixar que o cônjuge faça as coisas à sua maneira, contando que o beber não seja ameaçado. A esposa do meu cliente havia conseguido vários meses de sobriedade participando ativamente da Associação dos Alcoólatras e havia sido libertada do seu sentimento de culpa. Além disso, seu grupo de terapia a havia encorajado a defender seus pontos de vista ao invés de sempre ceder. Seu comportamento ha-

via mudado bastante e o marido confuso não estava gostando desta "nova esposa". Mas, na realidade, esta era sua verdadeira personalidade. A esposa imaginária havia desaparecido para sempre.

O fim do beber é apenas o início da recuperação. Somente o primeiro dos Doze Passos da AA e Al-Anon se refere à bebida. Ainda restam onze por praticar. Os relacionamentos têm vida própria e, como os indivíduos, podem demorar para se restabelecer. Contudo, restabelecer-se-ão mesmo, se os envolvidos tiverem a coragem para tentar e o amor para perseverar. Quando partem as pessoas imaginárias, entram em cena pessoas reais. ●

*Senhor,
o nosso coração
está inquieto...*
(S. Agostinho)

*Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?*

**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraterna
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

**INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL**
*Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos*
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959

MEDITAÇÃO

A meditação ajuda-nos a refletir, a ponderar, a recordar, a descobrir os defeitos ou empecilhos que estão dentro de nós. A meditação, portanto, aponta o caminho para nos livrarmos do que está errado. E a capacidade de meditar encontra-se em todos nós — em cada um e em todos aqueles que possuem o ânimo, a perseverança e a sinceridade de arrancar pela raiz o que têm de ruim em si e colocar sua casa interior em ordem.

O psicólogo Alexis Carrel diz: “Primeiro devemos descobrir nossa própria alma. Todo mundo pode fazer este contato, não importa qual seja sua tristeza ou sua fadiga, não importa quão imponente

ou quão modesta seja sua ocupação. Tudo o que precisamos são uns poucos minutos pela manhã ou à noite para silenciar o barulho do mundo, para nos sentirmos em nós mesmos, para reconhecer nossos próprios erros e para traçar nossos planos de ação. É um intervalo de tempo em que aqueles que sabem rezar deveriam fazê-lo”.

É através da meditação que conseguimos nos livrar do estresse e da tensão. Conseguimos restaurar nosso vigor físico e mental e nossa elasticidade de pensamento, para que possamos ajustar nossas relações com os outros. Como diz William Penn, estes ajustes devem

ser de tal ordem que nos habilitem a:

*Sermos reservados, mas não desagradáveis;
circunspectos, mas não formais;
audaciosos, mas não impetuosos;
humildes, mas não servís;
pacientes, mas não insensíveis;
constantes, mas não obstinados;
alegres, mas não levianos;
mais amáveis do que familiares;
mais familiares do que íntimos;
e íntimos com muito poucos,
e sobre bases muito bem conhecidas.*

(Extraído do livro: *Como Fazer Amigos* - Ed. Paulinas)

Sr. Diretor

Escrevo-lhe para dizer que estou mandando de presente uma ASSINATURA da revista *Ave Maria* para:

Sr(a). _____

Rua _____ N.º _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

UTILIZE O CUPOM RECIBO/DEPÓSITO.
É MAIS FÁCIL, É MAIS ECONÔMICO,
É MAIS RÁPIDO.

E estou enviando para a **Revista AVE MARIA**
R. Martim Francisco, 656
01226 SÃO PAULO - SP

o pagamento de NCz\$ 15,00 pelo seguinte modo (assinale com X):

- Depósito no Banco Itaú S/A
 Ordem de Pagamento do Banco _____
 Cheque (cruzado) do Banco _____
 Vale Postal

Meu nome: _____

Rua _____ N.º _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

Assinatura: _____

REVISTA AVE MARIA 08.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR	AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR				
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15.00	0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15.00				
AG. _____	CONTA _____	DAC _____	CEP _____	CIDADE/ESTADO _____	AG. _____	CONTA _____	DAC _____	CEP _____	CIDADE/ESTADO _____
0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP	0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO: _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

REVISTA AVE MARIA 08.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR	AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR				
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15.00	0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15.00				
AG. _____	CONTA _____	DAC _____	CEP _____	CIDADE/ESTADO _____	AG. _____	CONTA _____	DAC _____	CEP _____	CIDADE/ESTADO _____
0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP	0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO: _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

AVE MARIA

A MAIS ANTIGA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL



Ao completar 91 anos de vida, a revista Ave Maria continua prestando, junto às famílias cristãs de todo o Brasil, inúmeros serviços de grande utilidade, sem esquecer a cultura, o lazer e principalmente, a orientação religiosa.

Todo mês a revista AM traz artigos que abrem caminhos para reflexões, questionamentos e respostas a tantas dúvidas do homem de hoje no que diz respeito à fé, esperança, justiça e principalmente religião dentro da realidade atual. Assuntos sobre Nossa Senhora, catequese, liturgia. A Bíblia pensada, compreendida e integrada ao nosso dia-a-dia. Enfim, uma revista que transmite o Evangelho, um suporte para fortalecer a fé e levar conforto espiritual aos seus leitores, além de notícias da Igreja no mundo e também receitas práticas e passatempos.

E, agora, ela dá uma sugestão a Você:

Você já pensou em dar uma assinatura de presente a um parente, amigo, vizinho ou alguém que Você estima e quer bem?

Se você não tem tempo de sair de casa para procurar, escolher e comprar uma lembrança, ou se aborrece em andar procurando um presente útil, aproveite a nossa sugestão, ofereça uma assinatura da revista AM de presente.

É um presente sempre interessante, útil e barato, e dura um ano inteiro. E todos os meses Você será lembrado com admiração e alegria.

Aproveite a oportunidade e Você sentirá a satisfação de estar contribuindo no anúncio da Boa-Nova.

Acredite, sempre é tempo para dar e para receber um bom presente.

ASSINATURA — COMO FAZER?

- Preencha o RECIBO/DEPÓSITO (veja o cupom ao lado) e deposite-o em qualquer agência do Banco Itaú.
- Se em sua cidade não houver agência do Itaú, utilize um dos três modos que seguem:

- 1 - Por **ordem de pagamento**, feito em qualquer banco.
- 2 - Por **cheque** (cruzado) pagável em São Paulo SP, remetido por carta.
- 3 - Por **vale postal**, feito no correio. Mandar para a agência Santa Cecília, SP, código 403911.

Em todos os 3 casos o pagamento deve ser sempre em nome da revista AVE MARIA.

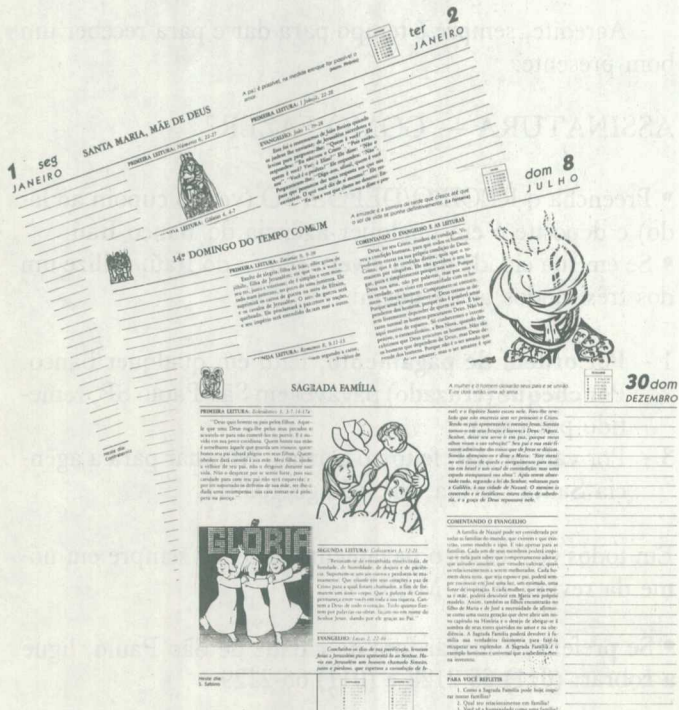
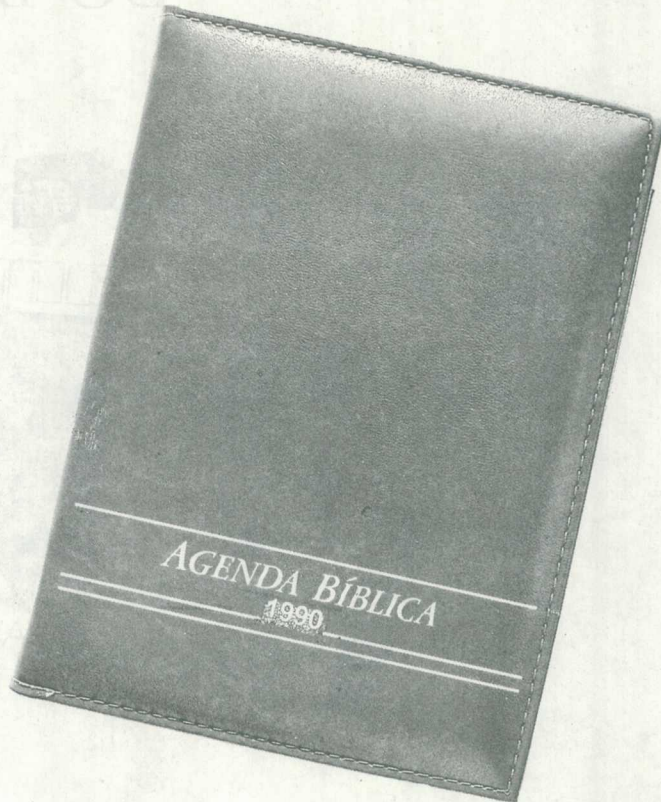
- Se preferir, e morar fora da cidade de São Paulo, ligue a cobrar: (011) 66-2128 e (011) 66-2129

obs.: Se Você quiser, teremos o maior prazer em escrever ao novo assinante, revelando quem foi a pessoa que gentilmente deu o presente. Se é este o seu desejo, basta preencher os dados ao lado (veja o cupom superior), destacar e remeter para a revista Ave Maria.

VOCÊ JÁ CONHECE A AGENDA BÍBLICA DA AM EDIÇÕES?

Em seu segundo ano de sucesso, ela continua *novidade absoluta*, pois, além das vantagens e utilidades comuns a todas as agendas, a AGENDA BÍBLICA oferece a você:

- as mais belas páginas, vivas e palpitantes, do Evangelho de Jesus;
- comentários objetivos dos textos bíblicos, que o ajudarão a entender seu conteúdo e esclarecer certas passagens;
- questões para compreensão dos textos, que o levarão a uma diária meditação;
- frases dos mais célebres pensadores, que poderão lhe dar novas idéias e sugerir soluções simples para problemas complexos, trazendo conforto imediato;
- curiosidades dos mais diversos tipos, que aumentarão sua cultura geral;
- informações variadas, que complementarão seu cotidiano no lar, no trabalho e no lazer.



AGENDA BÍBLICA:
A mais bela e emocionante mensagem de amor que você pode levar consigo o ano inteiro ou oferecer a alguém muito especial.

Com 450 páginas e dois modelos distintos de capa, a AGENDA BÍBLICA é um presente maravilhoso e inesquecível!

Preencha já o seu cupom com letra bem legível, recorte e envie imediatamente seu pedido para:

AM Edições - CAIXA POSTAL - 54165 - CEP 01296 - São Paulo - SP

ou pelo telefone: (011) 826-6111

Peço enviar-me exemplares da AGENDA BÍBLICA pelo preço de NCz\$ 26,00, pelo Reembolso Postal.

ATENÇÃO: NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

PEDIDOS ATÉ 20/09/89, TERÃO DESCONTO DE 15%.

O QUE VOCÊ VAI DIZER QUANDO O MENINO JESUS CHEGAR?

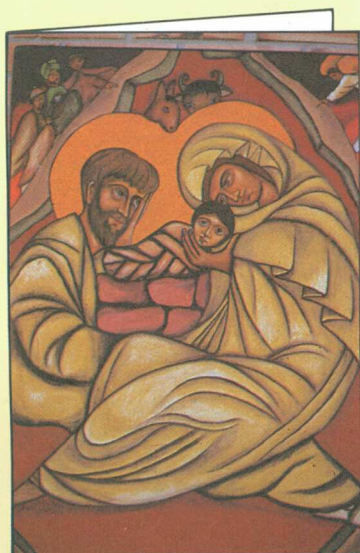
*POIS É, AMIGO... O NATAL JÁ SE APROXIMA!
E COMO GOSTARÍAMOS DE ESTAR
PRÓXIMOS DE TODOS AQUELES
QUE NOS SÃO CAROS!
COMO ABRAÇAR A TODOS
AQUELES QUE NOS
ACOMPANHARAM DURANTE O ANO?
— ISSO É POSSÍVEL? — CLARO!
COM CARTÕES DE NATAL,
SEU RECADO “CHEGA LÁ...”*

Não deixe para depois... Mande cartões de Natal a quem espera sua palavra amiga.

A revista Ave Maria lhe oferece lindos modelos. Conheça nossa promoção e faça já sua encomenda. Além de estar comunicando a verdade e a paz do

menino Deus, você estará contribuindo para a formação dos futuros missionários claretianos. Escreva-nos.

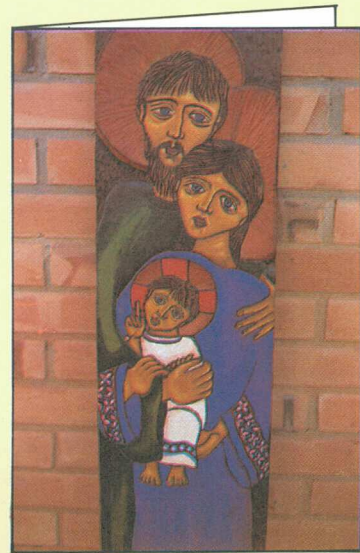
Cartões de Natal - uma ótima idéia.
Retribua a amizade e o afeto de tantas pessoas desejando-lhes as melhores bênçãos de Deus e um Feliz Ano Novo.



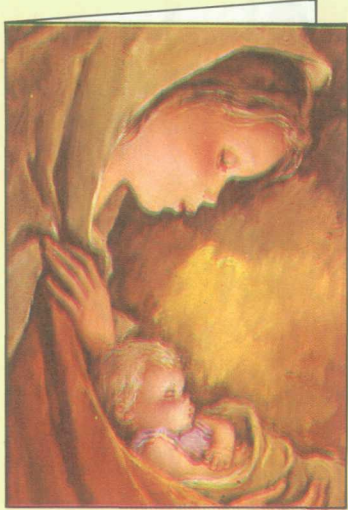
Nº 77 (110 x 165 mm)



Nº 78 (110 x 165 mm)



Nº 79 (110 x 165 mm)



Nº 31 (210 x 150 mm)



Nº 34 (200 x 150 mm)



Nº 39 (210 x 150)



Nº 10 (200 x 145 mm)



Nº 08 (200 x 145 mm)



Nº 35 (200 x 130 mm)

MODELOS

ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS

Nº 08	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 10	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 31	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 34	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 35	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 39	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 77	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 78	NCz\$ 1,00 cada	cartões
Nº 79	NCz\$ 1,00 cada	cartões
SUBTOTAL		cartões

ATENÇÃO!

Para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar, faça assim:

- 1 — Preencha corretamente os espaços pontilhados.
- 2 — Some a quantidade de cartões pedidos.
- 3 — Verifique, na *tabela de descontos*, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra. Com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

TABELA DE DESCONTOS

Quantidade de pedidos

Pedidos de 201 a 400 cartões 10% de desconto
 Pedidos de 401 a 600 cartões 20% de desconto
 Pedidos de 601 a 800 cartões 30% de desconto
 Pedidos acima de 800 cartões 40% de desconto.

Reúna os pedidos dos amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os espaços corretamente, indicando a quantidade de cartões desejados e envie para: SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 54215 - CEP 01229 - São Paulo - SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

CBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

- Os cartões serão remetidos por meio do Secretariado Vocacional Claretiano e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.